

Padre José Comblin

Uma vida guiada pelo Espírito

Monica Maria Muggler

Padre José Comblin
Uma vida guiada
pelo Espírito



NHANDUTIEDITORA

*Dedico essas páginas a todos e tantos – impossível nominar –
que fizeram parte dessa história e que foram muito amados
pelo nosso querido padre José Comblin.
Ao fazer memória de sua vida sintamo-nos convocados e provocados
a viver o Evangelho com os arroubos do profeta,
a radicalidade dos místicos e a agudeza dos sábios!
Sejamos a Igreja Povo de Deus, que ele tanto sonhou!
Entrelaçados por essa história, seguiremos soletrando a liberdade,
em comunhão de luta e de esperança, até o Encontro Pleno!*

© 2013 Monica Maria Muggler
© 2013 conjunto desta edição, Nhanduti Editora

Revisão e diagramação: Nhanduti Editora
Capa: Nhanduti Editora sobre uma foto de Monica Maria Muggler
Fotografias: Acervo de fotos de José Comblin e Monica Maria Muggler

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Muggler, Monica Maria
Padre José Comblin: Uma vida guiada pelo Espírito. / Monica Maria Muggler. – São Bernardo do Campo : Nhanduti Editora, 2012, 256p.

Bibliografias.

ISBN 978-85-60990-19-1

1. Comblin, José (1923-2011). 2. Teologia da Libertação. 3. Igreja Católico-Romana na América Latina. 4. Igreja e problemas sociais. I. Muggler, Monica Maria. II. Título.

CDD-282.09; 230.0464; 282.033; 261.1

Índices para catálogo sistemático:

- | | | |
|--|--|----------|
| 1. Comblin, José | : Igreja Católico-Romana,
abordagem segundo pessoas | 282.09 |
| 2. Teologia da Libertação | : Tipos de teologia cristã | 230.0464 |
| 3. Igreja Católico-Romana na América do Sul no séc. XX | | 282.033 |
| 4. Igreja e problemas sociais | : Papel das Igrejas cristãs na sociedade | 261.1 |

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Nhanduti Editora

Rua Planalto 44 – Bairro Rudge Ramos
09640-060 São Bernardo do Campo – SP, Brasil
11-4368.2035 nhanduti@yahoo.es / www.nhanduti.com

Sumário

Apresentação (Dom José Maria Pires)	13
Introdução	19
Uma família unida e bem católica	23
As origens familiares	23
Recordações da infância	25
Início da vida escolar	27
A tradição religiosa e as origens de sua vocação	29
Os irmãos seguem diferentes destinos	31
Juventude: dedicação completa aos estudos	35
A formação teológica	36
Ordenação sacerdotal - a primeira paróquia na Bélgica	40
O apelo missionário: rumo ao Terceiro Mundo	45
Brasil: porta de entrada para a América Latina	49
As primeiras impressões	49
Primeiras atividades	51
Chegada dos colegas	53
Abrindo novos horizontes	55
A América espanhola: Santiago de Chile	59
Seminário de Santiago	59
Semeando amizades duradouras	64
O Espírito soprava sobre a Igreja: o Concílio Vaticano II	68
Comblin e a Teologia da Libertação	71
Retornos ao Brasil: em tempos da ditadura	81
Nordeste – conhecendo outro Brasil	82
Tempo de grandes sonhos: formar pastores para o Povo de Deus	84
Sacerdotes para o mundo rural: a Teologia da Enxada	86
Dom Helder: uma Igreja guiada pelo sopro do Espírito	88
A preparação da Conferência de Medellín desencadeia grande polêmica	90
A ditadura vai fechando o cerco	95
Outra vertente da Igreja dos Pobres: Crateús com dom Frágoso	97
A expulsão em 1972	98

E agora, José?	104
Comblin segue presente e atuante	105
O exílio no Chile: terra de tantas histórias e memórias	109
Precisamos de bons teólogos e homens avançados	110
No Chile de Allende, o inesperado acontece: o golpe militar	112
Vicariato da Solidariedade: tempo de muito trabalho intelectual	116
Preocupação com os ministérios leigos	119
"Um dos grandes dias da minha vida!"	121
Outras Memórias	123
Seminário Rural: formação do clero para o mundo rural	124
Expulsão do Chile	127
Chile, pátria de tantos amigos	128
Equador – importante capítulo na sua vida	131
<i>O Instituto Pastoral Latinoamericano (IPLA)</i>	131
Com dom Leónidas Proaño no mundo indígena	133
O Encontro de Riobamba	138
Uma festa indígena para celebrar o jubileu episcopal	140
Outras recordações do Equador	143
Fazendo memória da Igreja dos Pobres	145
Construindo uma Igreja latino-americana	149
Outras memórias da América Latina	149
Encontros de bispos amigos	151
México: riqueza cultural e antropológica	153
Nicarágua, porta para El Salvador: a terra de mártires!	154
Argentina: lugar de reencontros	160
América bolivariana	162
Outros países da América Central	164
América do Norte	165
Colaboração com o CELAM	166
Nos bastidores da Conferência de Puebla	168
Retorno ao Brasil	171
Tempo de consolidar uma Igreja Povo de Deus	173
Assim nasce o Centro de Formação Missionária	175
As Missionárias do Meio Popular	178
As Escolas de Formação Missionária e Pastoral	180

O semeador chega ao outono de sua vida	187
Celebrando seus 80 anos de vida	188
Fidelidade a toda prova: 60 anos de ordenação sacerdotal	190
Cinquenta anos de Brasil e América Latina	191
Nas pegadas de um profeta franciscano	192
A anistia no Brasil aos 87 anos	194
A caminho dos 90 anos	196
O Comblin que não conhecemos	199
Homem de um milhão de amigos	199
Viajante incansável	200
O prazer de comer e beber juntos	204
A construção de sua biblioteca	205
Um homem espiritual	209
Os escritos e a teologia de José Comblin	213
Uma teologia do Espírito Santo	214
Uma teologia provocante	216
O futuro: uma nova teologia se faz necessária	220
Um legado para a Igreja Povo de Deus	223
Uma Igreja latino-americana	224
Uma Igreja mais evangélica: humana e presente entre os pobres	226
O protagonismo dos leigos: uma Igreja missionária	230
Descansa em paz, amigo, você cumpriu a sua jornada!	233
Anexos	235
Livros de José Comblin	235
Artigos de José Comblin	238

Apresentação

O Espírito o fez missionário, mestre e profeta.

Quem conheceu o Padre José Comblin e pôde conviver por algum tempo com o missionário ou com o professor de teologia ou com o profeta que incomodava vai sentir-se gratificado de poder encontrar no livro *Uma vida guiada pelo Espírito* o missionário que, atendendo ao apelo da Igreja, deixou o conforto de sua terra e de sua família e veio como tantos outros seus conterrâneos, sacerdotes, religiosas e leigos, dar sua contribuição em países da América, campo fértil para a semente da Palavra, mas ainda tão carente de operários.

O leitor vai confrontar-se com o mestre que despertava nos alunos o gosto de pesquisar e de ir às fontes. Vai descobrir o profeta que questiona o JÁ CONQUISTADO e incita a buscar o AINDA NÃO.

Quem compilou para nós e organizou em livro essa história viva e provocante foi Monica Maria Muggler, ela também missionária que se tornou nordestina e disponível para o que fosse julgado mais necessário para o processo de evangelização estilo Vaticano II. Mônica colocou sua fé e sua capacidade de inserção a serviço da missão, a princípio como chanceler da Cúria, o que permitiu à Arquidiocese da Paraíba liberar um sacerdote para suas funções específicas na pastoral. Mas a Cúria era um ambiente ainda limitado para seu ardor missionário. Dilatando seu espaço de caridade, Mônica se fez missionária a tempo integral com dedicação exclusiva.

Vivia-se nesse tempo o fervor do pós Concílio Vaticano II, que destacou a Igreja como povo de Deus, toda ela missionária. Onde e como viver a missão? A primeira exigência é atender ao apelo Daquele que diz no coração da gente: “Sai da tua terra, do meio de teus parentes, da casa de teu pai, e vai para a terra que te vou mostrar” (Gn 12,1). Esse passo já havia sido dado. A segunda exigência, certamente a mais difícil, é ir para o meio dos pobres não com a pretensão de evangelizá-los, mas na atitude humilde de se converter e ser evangelizado por eles a exemplo do Cristo que “de rico que era tornou-se pobre por causa de vós, para que vos torneis ricos, por sua pobreza” (2Cor 8,9). Cristo fez opção preferencial pelos po-

bres e veio aprender conosco, vivendo a condição humana. “Mesmo sendo Filho, aprendeu o que significa a obediência, por aquilo que ele sofreu” (Hb 5,8).

O nordeste parecia ser o campo apropriado para os apaixonados pela missão. Em Recife, Dom Helder comandava todo um processo de evangelização pelo rádio, com seu programa diário *Encontro com irmãos*. Em Campina Grande era D. Manuel Pereira com seu programa tão simples e tão popular: *Bom dia, irmãos*. Na Paraíba era o programa *Igreja Viva* que vinha sendo implantado em todas as comunidades rurais e nas periferias urbanas, através de uma equipe volante constituída por Everaldo Peixoto, José Jackson e Maria Ester. Os três liberados percorriam toda a Diocese, reunindo as pessoas e implantando o projeto.

Monica passou a integrar outro grupo, denominado *Curso da Árvore*, porque tomou como símbolo a árvore que exige cuidados para crescer e para frutificar. Os dois grupos se completavam porque tinham o mesmo objetivo: colocar-se ao lado e no meio dos preferidos de Deus: os pobres.

É aí que surge a figura e a ação do Pe. José Comblin. Ele veio da Bélgica com mais dois colegas como missionários. Foram encaminhados para o centro: São Paulo ou, melhor, para Campinas. Comblin percebeu logo que não era esse o campo para o qual se sentia chamado. Se fosse principalmente para dar aulas num curso de teologia, muito bem. Mas sentia-se chamado à outra realidade onde ele pudesse não só ensinar teologia, mas pudesse sobretudo ver e sentir-se no meio dos pobres, colocando-se a serviço da causa deles. Deixa São Paulo e vai conhecer a América do Sul em busca do espaço que Deus lhe reservara. Vive no Equador, passa por diversos países da América: Peru, Colômbia, Bolívia, Argentina, vive no Chile de onde foi expulso no tempo da ditadura de Pinochet, no Brasil de onde também fora expulso no governo do General Médici. Apesar de todos esses revezes, ele não desistiu, e de onde quer que estivesse, procurava algum canal de comunicação com os grupos e pessoas com quem havia trabalhado nesses países. Privado da condição de residente, ele usava o passaporte de turista. E como turista conseguia entrar no Brasil e aproveitava esse tempo curto para animar grupos e pessoas que reconheceram sua capacidade de transmitir entusiasmo pelo Evangelho. Foi numa dessas entradas no Brasil que, depois de um tempo de oração e de estudos com jovens das comunidades, foi com João Batista ao meu encontro para expor o seguinte: durante esses dias de estudo e oração, refletiram sobre como assegurar sobrevivência às Comunidades Eclesiais de Base. O Concílio diz que “não se edifica nenhuma comunidade cristã, se ela não tiver por raiz e centro a celebração da Santíssima Eucaristia”. Como vão poder celebrar a eucaristia, se os padres são tão poucos e não conseguem dar assistência nem mesmo nas cidades? A solução seria escolher elementos das comunidades, ajudá-los a se prepararem sem saírem da comunidade e sem deixarem o trabalho na agricultura, serem, em

seguida, ordenados presbíteros para poderem celebrar com as comunidades, presidindo a eucaristia. Desse encontro e dessa reflexão surgiu a decisão de se iniciar o Seminário Rural que foi fundado no dia 25 de janeiro de 1981, dia em que se completavam cinquenta anos de minha entrada no Seminário de Diamantina. O Seminário Rural teria três períodos de dois anos cada um. No primeiro período, os alunos desenvolveriam a escrita, a leitura e a comunicação. No segundo período iriam tomar contato com as comunidades para conhecerem melhor sua realidade. No último período de formação, já começariam a acompanhar os missionários, trabalhando com eles ativamente nas missões.

A Santa Sé não aprovou a iniciativa como sendo uma maneira de formar padres. O que fazer? A equipe se reuniu para estudar como obedecer às exigências de Roma sem abandonar de vez o projeto que nos parecia necessário para a caminhada da Igreja na base. Mais uma vez foi Comblin quem encontrou a solução, sugerindo que se mantivesse o projeto e sua programação, mas que se mudasse o nome e a finalidade da instituição. Não seria mais Seminário, mas passaria a ser um Centro de Formação Missionária com o objetivo de formar missionários oriundos das comunidades. Os candidatos permaneceriam vivendo e trabalhando nas comunidades e receberiam uma formação que os capacitasse a desenvolver nas comunidades a dimensão missionária da Igreja. Os que fossem consagrados missionários e tivessem bom desempenho no exercício da missão, se o bispo, em cuja Diocese estivessem atuando como missionários, os julgasse em condições de serem ordenados sacerdotes, nada o impediria de fazê-lo. E Padre Comblin teve ainda a alegria de celebrar com alguns desses missionários ordenados sacerdotes. Não saíram do meio do povo, não deixaram o trabalho na agricultura com o povo e se tornaram aptos a exercer o ministério de fazer Cristo presente na eucaristia no meio dos pobres.

Finda a ditadura, Comblin retorna ao Brasil não mais como turista, mas como residente. Agora ele pode continuar animando a Teologia da Enxada, o Centro de Formação Missionária e o Curso da Árvore. É no Centro de Formação Missionária que ele se estabelece com sua grande biblioteca e é de lá que ele continuará exercendo sua missão profética. Um grupo seletivo de amigos e amigas integrava a equipe responsável pela formação dos Missionários. Deste grupo faziam parte pessoas como Zarita, da espiritualidade do Irmão Charles de Foucauld; Irmã Agostinha, monja beneditina; Maria Emília, das Cônegas de Santo Agostinho; Luís Carlos, padre casado, e outros e outras de João Pessoa e de Recife. Maria Emília já acompanhou Comblin, partindo como ele para a Casa do Pai.

Entretanto, ainda não está concluída a missão profética do Padre-Mestre Comblin. Ele dá mais um passo que ainda não será o derradeiro. O Centro de Formação

Missionária é destinado exclusivamente ao sexo masculino. A mulher está presente, mas só na equipe de formação dos futuros missionários. E as jovens das comunidades, elas também, não podem e não devem cultivar sua vocação missionária? Desse questionamento irá surgir a formação das Missionárias do Meio Popular. Já existe a presença feminina colaborando na formação dos jovens que frequentam o CFM (Centro de Formação Missionária), mas faltava um espaço onde as moças do meio rural e da periferia das cidades que se sentissem chamadas pudessem, elas também, desenvolver sua vocação missionária. É na cidade de Mogeiro que Comblin com sua equipe vai dar início às Missionárias do Meio Popular. Mogeiro tem uma casa paroquial bastante espaçosa e não tem pároco residente. A casa e o terreno comportam o pequeno grupo experimental. A iniciativa é bem aceita, e outros grupos de formação de Missionárias do Meio Popular vão surgindo em outros Estados do nordeste. A presença feminina nos campos missionários se justifica também aqui pela Palavra do Senhor: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2,18). Bento teve o apoio de sua irmã Escolástica, Francisco pôde contar com Clara de Assis, Vicente de Paulo teve como cofundadora Luiza de Marillac... e assim por diante. Desde o início da humanidade, a obra de Deus contou com a presença e a colaboração do homem e da mulher. Esse dado da criação não faltou no decurso da vida e da missão do Padre Comblin.

Nenhuma mulher, porém, terá participado tão intensamente e por tanto tempo da vida e da obra do missionário Padre Comblin como a missionária Monica Muggler. Ela dirigia o carro nos deslocamentos, ela fazia a parte de secretária eficiente para datilografar seus escritos, ela cuidava de sua saúde e de sua alimentação. Foi sua enfermeira dedicada, sofreu com ele a rejeição dos que não o compreenderam. Viveu ao lado dele nos momentos em que ele enfrentou a provação vinda de onde não era de se esperar, como registrou o profeta Miqueias: “Os inimigos de uma pessoa são os da própria casa” (Mq 7,6). E, quando ele, já idoso e com as forças diminuídas, decidiu ir residir no interior da Bahia, às margens do Rio São Francisco, na Diocese da Barra, onde atuava outro profeta, D. Frei Luiz Flávio Cappio, Monica o acompanhou e o assistiu até o dia em que ele partiu sem agonia e sem aviso prévio, vivendo o que ele mesmo ensinava: não se pode planejar a vida nem a ação nem a missão: é necessário estar atento e disponível aos sinais do Espírito que sopra onde quer.

Nós vivemos ainda no provisório, Pe. Comblin já alcançou o absoluto, o definitivo.

Eu gostaria de concluir essa apresentação com uma palavra atribuída a dom Helder já moribundo: “Não deixem morrer a profecia”. Será que vamos deixar morrer toda essa profecia que sacudiu a Igreja e o Mundo após o Vaticano II? Seria

um prejuízo para a humanidade se toda essa linha profética em que se meteu de corpo e alma o Pe. José Comblin – opção preferencial pelos pobres, Centro de Formação Missionária, Missionárias do Meio Popular, Curso da Árvore – não tivesse continuidade, por incapacidade nossa de ler os sinais dos tempos. Não deixemos morrer a profecia.

Tudo isso e muito mais irá poder comprovar quem tiver a sorte de ler a vida do profeta José Comblin, narrada por Monica Maria Muggler.

E agora? Quem vai tomar posição ao lado do missionário? Quem vai aproximar-se da cátedra do mestre? Quem vai empunhar o chicote do profeta? Meu voto, minha súplica ao Senhor é que o exemplo do Pe. Comblin desperte, sobretudo na juventude, o ardor do missionário e a coragem do profeta, ardor e coragem alicerçados no estudo e na contemplação da Palavra de Deus. E que muitos e muitas, como Comblin, consintam que suas vidas possam ir se transformando em “VIDAS GUIADAS PELO ESPÍRITO”, porque “Todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14).

Belo Horizonte, 04 de novembro de 2012
Dom José Maria Pires

Introdução

As memórias que carregamos no percurso de nossa vida são as memórias do coração. E no coração ficam gravadas as marcas das pessoas com seus gestos, suas atitudes, seus exemplos. Sobretudo fica gravada a sua presença nos momentos mais cruciais de nossas vidas. Presença indelével, suave, renovadora das energias!

Na vida, particularmente na juventude, necessitamos dos exemplos, dos testemunhos. São como estrelas que nos mostram uma direção e nos inspiram. Jamais as atingimos, mas elas nos apontam caminhos a seguir. Pessoas iluminadas são como estrelas que brilham inteiras, e quanto mais escuro faz à nossa volta, mais elas brilham! Por isso, tentei reunir neste escrito um pouco da história, memórias e aprendizados de uma pessoa que encontrei extraordinária: o padre José Comblin, a quem carinhosamente chamamos padre José, ou José simplesmente.

A vida de José Comblin, sacerdote e teólogo, é um testemunho contundente da ação do Espírito Santo. Ao narrar a trajetória de sua vida verificamos a verdade de uma das afirmações que sempre fez nas jornadas de formação missionária: *A Missão não se pode planejar: temos que deixar o Espírito Santo conduzir. Podemos, sim, decidir aonde iremos; mas ao chegar, se tivermos abertura e sensibilidade ao que encontrarmos, não mais podemos planejar: cada situação exige uma resposta, uma ação, uma continuação... será o Espírito que dirá o que fazer, como prosseguir!*

É exatamente essa LIBERDADE que percebemos na vida de José Comblin. Ele tomava as primeiras decisões nos distintos momentos de sua vida. E depois se deixava conduzir. Não fazia planos, aproveitava as oportunidades, usufruía o que se lhe apresentava, buscava responder aos apelos de Deus que se manifestavam na realidade, seguia o sopro do Espírito. Docilidade que nunca foi submissão, mas exercício pleno da liberdade cristã – tema sempre presente em seus escritos.

Por outro lado, verificamos uma lucidez marcante. O Evangelho sempre foi seu critério de vida e de missão. Não só possuía um conhecimento brilhante das Escrituras Sagradas pelos estudos que fizera, como também as conhecia através de sua profunda experiência de fé, uma fé simples e despreziosa, haurida na me-

ditação silenciosa, discreta, sem grandes arroubos, mas constante. Como Maria, ele acolhia tudo, meditava em seu coração e não se abalava perante as incertezas humanas. A magnitude da personalidade e da humanidade de José Comblin jamais caberá nas pobres páginas deste livro. Mesmo assim, ensaiaremos retratar a exuberância de sua vida, de seu trabalho, de sua movimentação, a vastidão de seu relacionamento.

Impressiona a profusão de seus escritos. Além de artigos e livros publicados, manteve intensa correspondência. Escrevia cartas com regularidade e constância a familiares, amigos, amigas, colegas, conterrâneos, bispos, sacerdotes e missionários, alunos e ex-alunos, além de toda a sua correspondência com as mais diversas entidades para combinar conferências, seminários, publicações, viagens. Conservou em seus arquivos tudo minuciosamente organizado: milhares de cartas recebidas, oficiais e confidenciais. A fidelidade nos relacionamentos é uma entre muitas de suas marcas fortes que atraía e encantava as pessoas. O relacionamento com amigos e amigas alimentava a sua vida, o seu ser, a sua humanidade e também o seu seguimento de Jesus. Adentrou na aventura humana sem receios, com honestidade e transparência, sem temer as profundezas do ser humano. Seu olhar de luz sabia iluminar as mais recônditas realidades, calar os segredos mais íntimos, ser presença terna e amorosa nos momentos de maior perplexidade na vida das pessoas. Contagiava uma serenidade ímpar, certamente haurida na intimidade do seu relacionamento com a Trindade Santa. Às vezes sugeria ou adotava atitudes radicais de ruptura com aquilo que considerava contrário à vida plena.

Durante 53 anos viveu na América: Chile e Brasil foram suas pátrias, de modo particular o Nordeste. Dom Helder foi o seu grande inspirador, a ponto de ele afirmar: *“Sem ele não teria sido o que sou hoje”*. Mas sempre lúcido e fiel ao projeto de contribuir com uma Igreja Povo de Deus, ao retornar do exílio, optou pela proximidade a dom José Maria Pires, vizinho e grande amigo de dom Helder. Pensou que a Paraíba seria a sua última morada. Certa feita, ele comentava comigo: *Nunca fiquei mais de 10, 12 anos num mesmo lugar... e agora já estou há quase 30 anos na Paraíba... e tudo indica que por aqui vou ficar até o fim...* Mas aos 85 anos de idade surgiu o sonho de viver em Barra, Bahia. Sentiu-se atraído por um santo e profeta dos tempos atuais, um verdadeiro filho e discípulo de São Francisco, dom frei Luiz Flávio Cappio, que o convidou e acolheu como irmão. O sertão baiano, certamente a região mais remota da Bahia, era a Galileia onde ele mais uma vez encontrava o Senhor entre os pobres!

No seu incansável trabalho de formação humana e cristã, padre José Comblin promoveu, cultivou, estimulou centenas de pessoas a se tornarem cidadãos com a marca do evangelho de Jesus Cristo. Investiu na pessoa humana, de modo parti-

cular acreditou na mulher e no homem nordestino! Como raras pessoas, compreendeu a psicologia muito própria e se apaixonou pelo jeito do povo nordestino. Soube trazer à luz suas qualidades e potencialidades. Amou essa gente e por isso serviu de modo tão decidido, paciente, eficaz, persistente, terno, gratuito, fiel. Como toda personalidade forte com convicções sólidas, ele tem seus opositores. Mas no círculo dos seus amigos e amigas reuniu pessoas dos mais diversos segmentos, das mais diversas ocupações, com interesses e expressões distintas: isso é uma amostra de sua capacidade de atrair e reunir.

Aos 88 anos se sentia “velho”, porém, permanecia livre como o vento para dizer tudo o que pensava e seguir o caminho que pregava e pregou Jesus. Com a idade, ele avançava em sabedoria e graça. Sempre mais abraçava os pobres, vendo neles os preferidos do Pai. Era incansável na defesa da vida, da liberdade, da justiça social. Mas tudo tem seu ponto culminante no amor, como ele lembrava, repetindo o apóstolo Paulo: *Depois da morte, o único que permanece é o amor*. José Comblin viveu o amor não como um conceito ou um sentimento, mas como prática cotidiana, colocando-se a serviço do outro, dos irmãos, particularmente dos prediletos de Jesus, na sua infindável jornada de libertação.

Como é difícil reduzir a simples linhas e letras uma vida tão generosa e diversificada como a sua! Desde as origens na sua família e no seu lar, desde a sua mais tenra idade já se desenhava essa personalidade tão privilegiada. Criança dócil, de aguda e notória inteligência, muito tímida, discreta, tão exemplar que foi sempre a referência para os irmãos. Cresceu, como Jesus, em graça e sabedoria até chegar a hora de deixar os seus para ocupar-se das coisas do Pai. Deixou tudo, esqueceu-se de si próprio, e seus olhos, sua mente, seu coração, todo o seu ser foram se voltando sempre mais para o OUTRO. E logo esse OUTRO foi o povo brasileiro, chileno, equatoriano, enfim, o povo latino-americano, mas especialmente o povo NORDESTINO que conquistou definitivamente o seu coração.

Sua vida foi um HINO de AMOR: a Jesus em primeiro lugar. Cultivou a espiritualidade de modo muito discreto, sem arroubos, mas de modo profundo e peregrino, daí as suas raízes tão firmes! Nunca foi de arroubos de piedade, de efusões do Espírito, de gestos acachapantes. Não, era simples, humilde, tímido, discreto, silencioso. Mas a agudeza da sua sabedoria intimidava. Embora tentasse suavizar a crueza da verdade com uma fina ironia, quantos se sentiram desconfortáveis. Nisso estava o seu amor à VERDADE: experimentava e desejava que outros experimentassem a libertação pela verdade.

E o seu AMOR à IGREJA nunca arrefeceu. Via na Igreja a mensageira da tradição de Jesus, pela força do Espírito. Por amor, tantas vezes provocou a Igreja à fidelidade, à coerência, à profecia, pois seguir a Jesus e preferir os pobres sempre foi profecia. Essa verdade muitas vezes assustou e ainda assusta.

Quantos momentos de perplexidade viveu, quantas dores secretas carregou, quantos segredos compartilhou que jamais deixaram de ser segredos! Quanto respeito! Quanta reverência perante o sagrado que habita cada pessoa e que ele tangenciava! Quantos abortos de projetos sonhados e idealizados, que consumiram sangue e suor. Sem dúvida, AMOR e DOR se entrelaçam e se alimentam mutuamente. Mas ele jamais dramatizou a pior das situações. Jamais. Sua alma serena acolhia tudo e transformava em provocações, em questionamentos, em indignação expressas com maestria nos palcos das conferências, nas travessas da vida, nos altares da fé.

Era discreto na expressão de seus sentimentos. Aliás, não experimentava emoções fortes, não era do seu feitio. Quando se lhe perguntava, e muitas vezes eu perguntei: “*Você é feliz? Você está feliz?*”, respondia devagarzinho, não querendo decepcionar: “*Você sabe, eu não tenho esses sentimentos fortes. Não penso nisso, não busco essas sensações. Eu VIVO.*” Era um ser da RAZÃO, mas o seu coração era muito sensível e profundamente perceptivo.

Foi um homem LIVRE, jamais compactuou com os silêncios de prudência, sabia que a verdade liberta! Fiel e coerente! Disponível e atento! Sempre presente! A sua vida completava os seus escritos! Convênia pela simplicidade no falar e dialogar. Seu testemunho simples, a profundidade de sua vida e a extensão de seus conhecimentos e informações confirmavam as coisas que dizia e as denúncias que fazia. Por isso, ler seus escritos e ouvir as suas falas não é um exercício intelectual, é uma contemplação do agir do Espírito de Deus na história da humanidade.

OBRIGADA, padre José Comblin, pelo seu TESTEMUNHO de Fé, Esperança e Amor, na LIBERDADE!

*Quando um homem morre, não deixa a terra vazia, nem abandonada [...].
Cada geração tem a sua vez. Depois do que, deve deixar o campo livre
e permitir que seus sucessores desempenhem por sua vez o seu papel.
É preciso saber passar.*

José Comblin – O Provisório e o Definitivo, 1968

Uma família unida e bem católica

As origens familiares

– *Qual é o seu país, padre?*

Pergunta tantas vezes repetida, pois logo o povo percebia que ele era de fora, tanto pelo seu tipo físico, “galego”, como pela sua maneira de falar. E quando ele respondia:

– *Nasci na Bélgica...*

poucos localizavam. As pessoas ouviam falar e conheciam missionários da Itália, da Alemanha, da Holanda... Assim, padre José Comblin, completava:

– *Um pequeno país que fica perto da Alemanha, da Holanda, da França.*

José Comblin nasceu em Bruxelas, na Bélgica, no dia 22 de março de 1923. Na casa da *rue d’Espagne 5*, no distrito de Saint Gilles, Bruxelas. Naquele tempo, as crianças nasciam em casa, quando possível com a ajuda de alguma parteira. Era uma casa alugada, onde os pais iniciaram a sua vida conjugal. Ali morou até os cinco anos de idade, quando então seus pais adquiriram uma casa própria no distrito vizinho, Ixelles, na *rue du Tabellion 64*, onde a sua irmã Colette viveu durante 80 anos, e onde ele sempre se hospedava com ela quando ia à Bélgica, anualmente.

Os pais, Alice e Firmino, não eram tão jovens quando se casaram. A mãe já tinha 33 anos e o pai 47 anos. O pai era filho de humildes agricultores da região das Ardenas, nasceu em Hargimont, conseguiu estudar, migrou para a cidade e tornou-se funcionário público. A mãe era neta de camponeses, a mais nova de seis filhos. Como se conheceram? Na paróquia. O pai já estava estabelecido na vida, trabalho seguro, vivia com seu irmão. Um dia pensou que tinha que constituir família, já estava com 45 anos e a vida assegurada profissionalmente. Foi falar com o pároco, e este indicou-lhe uma moça solteira, piedosa, que também frequentava a igreja – quem sabe, ela poderia ser uma esposa dedicada e a mãe de seus filhos? Era Alice, uma moça madura. Firmino foi ao seu encontro, e se entenderam. O casamento foi no dia 22 de abril de 1922.

Já no ano seguinte veio o primeiro filho: José. E depois vieram outros mais: An-

dré, Colette, Jacques e Monique, a caçula, sete anos mais nova que o irmão mais velho (cf. Fig.1).

José Comblin nasceu cinco anos após o final da Primeira Guerra Mundial, a guerra de 1914-1918. Tempos trágicos que deixaram marcas profundas na população da Europa. As lembranças ainda eram bem vivas, as pessoas haviam passado por situações de horror e presenciado mortes e ruínas. Todas as famílias tinham perdido algum membro ou tiveram alguém deportado ou condenado a trabalhos forçados. Muitos passaram fome. Havia uma generalizada nostalgia dos tempos anteriores à Primeira Guerra, quando tudo era diferente, a vida era melhor. Também os pais de José Comblin carregavam consigo a angústia da pobreza, o medo de não ter o que comer.

Assim, o menino José teve uma infância marcada por uma vida austera. O trabalho era um valor absoluto. Economizar era uma regra de vida, e não existia consumo de supérfluos. Antes de fazer uma compra, a mãe visitava todas as lojas em busca dos preços mais baixos. Naquele tempo, ninguém teria imaginado uma sociedade de consumo como conhecemos hoje. O dinheiro bastava para sobreviver honestamente e não muito mais do que isso. Aí está a origem da simplicidade em Comblin: sua natural reação de não comprar coisas inúteis, supérfluas ou sofisticadas. Muitas vezes, ao se lhe perguntar: *“Vamos comprar isto ou aquilo?”*, ele logo pergunta: *“Pra quê?”* Como ele mesmo afirma:

Daquele tempo guardei sempre a reação espontânea de não gastar, não comprar coisas inúteis ou simplesmente supérfluas. Não suporto jogar comida fora ou deixar comida no prato. Adquiri o instinto de economia e meus irmãos são assim também.

Ele e seus irmãos adquiriram cedo o espírito de economia e do melhor aproveitamento das coisas materiais. Sem dúvida, a austeridade de vida concorre para a liberdade diante das coisas materiais.

Quando José entrava na idade da razão, nos idos de 1929, estourou a chamada “grande crise”, até recentemente a maior de toda a história econômica da humanidade. A crise devastou a economia do mundo ocidental: desemprego em massa, falências das fábricas, estagnação da economia, miséria, fome, muita, muita pobreza. Nos primórdios do século XX na Bélgica, como em toda a Europa, grande parte da população vivia na extrema pobreza: vida dura, difícil, de muito sofrimento... *A belle époque* era coisa de uma reduzida e inacessível aristocracia. Antes da Segunda Guerra Mundial havia muitos mendigos na rua e muita pobreza escondida. O Estado de bem-estar reinante buscava esconder a miséria, afastá-la dos olhos... Mas naquele tempo, a visão dos mendigos despertava sempre a mesma reflexão: *Isso pode acontecer comigo!* Assim reagem os pais de José: o medo

da pobreza e da fome os perseguia sempre. E a resposta era o trabalho.

Os pais deixaram o exemplo de uma vida de trabalho, onde não se perdia tempo. Todo mundo trabalhava sem parar. Sobretudo as mulheres. Os pais diziam: *“Quem não trabalhar, vai passar fome”*. O trabalho era a lei da vida. O povo europeu viveu o trauma da fome que marcou a geração de seus pais. Assim, nem a mãe, e muito menos o pai, tinham tempo para brincar com os filhos. Cada um dos filhos tinha alguns brinquedos e se virava para se divertir sozinho ou com os irmãos. Mas não havia muito tempo para brincar... Seus pais sempre insistiam: *“Se você não estudar, vai ter de comer pedras”*.

A mãe tinha cinco filhos e muito trabalho: acender e manter o fogo (de carvão) o dia todo e cuidar da comida, lavar toda a roupa da família e limpar a casa, cuidar das crianças. No início do século XX, a vida num país frio trazia muitas necessidades e dificuldades. Era preciso buscar água numa bica que ficava a mais de um quilometro de distância. A água encanada chegou quando José tinha 8 anos. A calefação – sistema de aquecimento da casa – muito necessária nesses lugares onde o frio chegava a temperaturas abaixo de zero no inverno, surgiu na sua adolescência. Antes, as pessoas se esquentavam com fornos de carvão e bolsas de água quente. O banho na tina de madeira era um acontecimento. Sorte do irmão mais velho que era o primeiro, pois a água não se trocava.

Neste contexto, as pessoas aprendiam a viver de modo simples, sem dramas, buscando o que realmente importava. Tudo era mais limitado, tão limitado que a juventude do século XXI tem muita dificuldade de imaginar como era a vida cem anos antes. Poderiam pensar que era monótona, sem graça, mas não é o que dizem as pessoas que nasceram na primeira parte do século XX. Não podemos comparar épocas. Cada tempo, cada momento da história oferece oportunidades de vida, de crescimento, de felicidade. E naquele tempo, as pessoas eram felizes, simplesmente felizes, sem tantas necessidades. Talvez até mais felizes do que hoje.

Recordações da infância

Numa família simples e originária do campo, a vida era pacata, sem novidades: *“Ao recordar a minha infância, não posso deixar de me lembrar das páginas em que, no seu livro de memórias, Karl Rahner evoca os seus primeiros anos na família. Era uma vida simples, tranquila, sem acontecimentos, em que a cada dia se renovava o dia anterior.”*¹

Em casa, cada um cumpria o seu papel. A mãe governava, e o pai se contentava com apoiar a direção da mãe com o seu braço forte, quando ela apelava para o

¹ Cf. RAHNER, Karl. *Erinnerungen im Gespräch mit Meinhold Krauss*. Friburgo (Alemanha): Herder, 1984, 21ss.

reforço da sua autoridade. A mãe era muito alegre. Na juventude, ela tinha participado de um grupo teatral e gostava de lembrar os seus triunfos teatrais. O pai era tímido, até mesmo com os filhos: pouco conversava com eles e praticamente tudo se fazia por intermédio da mãe. Calado e reservado, inspirava respeito. Era funcionário público do Ministério das Colônias Belgas e estava encarregado de comprar e mandar todo o material de que a administração precisava no Congo (na época, uma das colônias belgas na África). Apesar disso, nunca foi ao Congo. (Cf. Fig. 2a)

Diariamente, o pai ia e voltava do trabalho a pé, uma distância de uma légua. E ele vinha almoçar em casa. Depois retornava e voltava no final do dia. Nossos pais e avós caminhavam muito e o achavam normal. Talvez por isso, sejam tão resistentes!

O posto que o pai ocupava no Ministério das Colônias se prestava muito bem à corrupção, porém, ele jamais aceitou nenhum presente. Sua honestidade intransigente foi uma das marcas fortes para os filhos. José jamais esqueceu este episódio: *“Um dia, o representante de uma fábrica de automóveis entregou na casa de nossa família para a festa de São Nicolau² uma caixa com brinquedos maravilhosos: miniaturas de carros para os meninos e magníficas bonecas para as meninas. Jamais tínhamos sonhado em brincar com coisas tão bonitas. Quando meu pai chegou, imediatamente mandou devolver tudo. Nós choramos, mas não adiantou. Para ele, era tentativa de corrupção.”*

A família vivia o ritmo da época. Naquele tempo, as crianças somente iam para a escola depois dos seis anos de idade. Assim, tiveram muito tempo para brincar em casa. Quando possível, sempre no quintal, pois a mãe queria arrumar a casa. Geralmente, José e André estavam juntos. As duas meninas tinham outras brincadeiras, e quando veio o irmão caçula, ambos já estavam se preparando para iniciar a escola, os interesses eram bem diversos. (Cf. Fig. 3a)

Os irmãos estudavam na escola paroquial. As duas irmãs estudaram na escola apostólica anexa ao colégio Sagrado Coração de Jesus (*Sacré Coeur de Jésus*), colégio aristocrático onde o tio-padre era capelão. Os estudos e deveres de casa eram a principal ocupação. Mas não faltavam os momentos de lazer. Aos domingos, invariavelmente, o pai saía a caminhar com os dois mais velhos, sempre o mesmo trajeto, atravessando um bosque que ficava perto de casa, *le bois de la Cambre*. Era uma caminhada silenciosa que durava duas a três horas, os meninos acompanhavam o pai na marcha, mas nada de brincadeiras, risadas, conversas. A distração era observar a natureza, descobrir as novidades, verificar as mudanças de uma semana a outra. Sem dúvida, isso contribuiu para desenvolver seu senso

2 São Nicolau era o santo das crianças. A sua festa se celebrava no dia 6 de dezembro. Esta tradição ainda se mantém no norte da Europa. Naquele tempo, o dia dos presentes para as crianças não era o dia de Natal e sim o dia de São Nicolau.

agude de observação.

Algumas vezes por ano iam até a casa de praia que a família possuía em Koksijde (Coxyde), no litoral da Bélgica. É claro que era uma praia de águas geladas e ventos frios, tomar banho não era um prazer, valia pelo passeio de barco e pelas brincadeiras na areia. José nunca gostou de praia, e mesmo quando morou no Nordeste brasileiro gostava de caminhar pelas praias, sem jamais tomar banho de mar. (Cf. Fig. 5a)

José era uma criança tranquila, obediente, observadora, muito estudiosa. Não dava trabalho aos pais. A mãe sempre que precisava chamar atenção dos outros dizia: *“Vejam, olhem para José, por que não se comportam como ele?”*

Duas vezes por ano, nas festas de Natal e Passagem de Ano, a grande família se reunia: tios e tias, primos e primas. Havia toda uma programação cultural e artística: afinal, havia muitos talentos na família. Poesias, peças de teatro, cantos, audição de música, curiosidades, surpresas e sorteios. José, com seu irmão e um primo, preparava sempre uma pequena comédia. A mãe ajudava no roteiro. Ele também era muitas vezes o escolhido para fazer um discurso de saudação ao novo ano com os melhores votos para todos. Os tios, tias, primos e primas, todos ouviam atentamente seu discurso que sempre era elogiado. Desde cedo, ele já levava jeito: preparava e proferia palestras, e ninguém imaginava que este seria um de seus ofícios mais solicitados na vida futura. (Cf. Fig. 4a)

Início da vida escolar

Naquele tempo, as crianças somente iam para a escola após os seis anos de idade. Não existiam creches, pois as mães se ocupavam de seus filhos, e muitas vezes eles aprendiam em casa as primeiras letras. Quando chegou a idade, José já mostrava grande desejo de ir à escola. Os primeiros cinco anos de escola foram cursados na escola paroquial da Santíssima Trindade, próxima de sua casa. Frequentava junto com André, seu irmão, e um primo. Sempre foi um aluno aplicado e dedicado. Nunca faltava às tarefas escolares e não dava trabalho em casa para fazê-las. Criança tranquila, até mesmo tímida, mas muito estimada pelos seus professores. As notas sempre foram as melhores, recebeu até mesmo o prêmio de excelência, prêmio dado aos alunos que sempre tinham notas máximas. Não ocorria o mesmo com seu irmão, que assim recordava: *“Quando apresentávamos, quinzenalmente, aos nossos pais o boletim de notas para sua assinatura, era alegria para um e tristeza para o outro... exclamações e elogios para meu irmão e reprimendas para mim.”*

O ritmo na escola era intenso: seis dias por semana, em dois turnos, manhã

Páginas 28-34 indisponíveis na versão digital

Juventude: dedicação completa aos estudos

“Considero José Comblin o maior teólogo da atualidade na América Latina, pois ele sabe dialogar com as ciências.” Assim se referiu Leonardo Boff numa de suas conferências na Paraíba. Sem dúvida, essa é uma característica do seu labor teológico, adquirida ao longo da sua formação, graças ao caminho percorrido. Vamos refazer este caminho com ele.

O gosto pelos estudos e pelos livros se manifestou desde o início da sua vida escolar, como vimos, e na juventude tornou-se mais intenso. Estudar e ler foram as suas principais ocupações num tempo em que o mundo pouco conhecia o lazer. Um tempo entre guerras, marcado pela reconstrução da sociedade. Sempre foi um estudante muito aplicado, interessado e produtivo.

O jovem José Comblin foi recebido no Seminário Diocesano de Malinas, com 17 anos de idade. Como havia previsto seu tio padre, José foi logo enviado a Lovaina, em 1940, para fazer os estudos universitários. O Seminário Universitário Leão XIII reunia os mais *inteligentes* de todas as dioceses do país e alguns estrangeiros. Passou três anos em Lovaina (cf. Fig. 6). Durante dois anos, José Comblin estudou ciências naturais – biologia, física, química. Eram quase 60 estudantes, todos muito apaixonados pelos estudos. Ali teve alguns professores eminentes, não somente pela ciência, mas pelo seu testemunho de vida, pelo seu valor humano, pela delicadeza, pela humildade e pela honestidade científica. Com esses professores aprendeu o espírito científico: nada dizer que não pudesse ser comprovado. Aprendeu a respeitar os cientistas e as ciências, o que resultou no diálogo permanente de sua teologia com as ciências.

Sem dúvida foi marcado por este tempo, como ele mesmo expressa:

O que mais me impressionou foi a precisão do pensamento científico em que cada palavra tem um sentido muito claro e as relações são claramente enunciadas. Nada de pensamento aproximativo que muitas vezes se aceita no mundo literário. Esses professores eram também cristãos de fé tão profunda como sim-

ples. A vida deles valia mais do que muitas aulas de espiritualidade. Louvavam a Deus praticando a honestidade intelectual. Nunca mais me esqueci.

Depois fez um ano de filosofia. O Instituto de Filosofia de Lovaina havia sido fundado pelo futuro cardeal Mercier, a pedido de Leão XIII, para atualizar o tomismo. Mercier orientou o neotomismo num sentido de abertura ao mundo científico, às críticas modernas e às filosofias contemporâneas. Ali ensinavam as melhores cabeças do país. O Instituto de Filosofia era um dos poucos lugares do mundo em que não se aceitava o rigoroso conformismo que se impunha em Roma. Sempre com espírito de moderação e equilíbrio – principais características do povo belga, segundo o moralista Jacques Leclercq.

Naturalmente, a grande antagonista era a Igreja romana com as suas faculdades. Repetia-se muitas vezes o adágio adaptado do adágio alemão “*doctor romanos, asinus germanicus*” e se dizia: “*doctor romanos, asinus lovaniensis*” – doutor em Roma, burro em Lovaina.

Se, por um lado, o estudo da filosofia foi insuficiente – apenas um ano, por outro lado, sem dúvida, a abordagem filosófica de Lovaina foi de grande valia para desenvolver uma visão mais aberta, crítica e histórica. Visão que marcaria a sua visão de mundo e toda a sua obra. Aí estão as raízes da sua maneira de ver e de analisar tão peculiares e sempre provocativas.

A formação teológica

Depois de três anos em Lovaina, José Comblin ingressou no Seminário São José em Malinas. Em 1943 cursou o 1º ano de teologia. Em 1944, entrou no Seminário Maior e cursou o 2º e o 3º ano de teologia. Por causa da guerra, a austeridade foi grande: comida limitada, frio intenso, pois a eletricidade e o carvão para o aquecimento eram racionados. José acabou adoecendo: pegou uma tuberculose, doença grave naquele tempo e muitas vezes fatal. O seminário o mandou para casa, pois certamente os cuidados maternos poderiam ajudá-lo mais. Na cidade, tudo era difícil, inclusive a comida. Mas como seus tios eram agricultores e moravam no campo, sempre a família recebia deles uma farta feira de produtos do campo: leite de vaca, queijo artesanal, carnes. Graças a isso, José teve uma alimentação substancial que ajudou decisivamente a vencer a tuberculose. Curado, voltou imediatamente ao seminário.

Em Malinas, o curso não era muito brilhante, pois era adaptado ao nível menor dos alunos. Sendo mais de trezentos seminaristas residentes na mesma casa, o regime era de vigilância, como o de um quartel. O seminarista José Comblin não se incomodou. Dedicou o seu tempo à biblioteca. Teve licença para frequentar a biblioteca dos livros proibidos (toda a literatura e a filosofia francesa após a revo-

lução). Aproveitou para ler coisas que, depois da formação, sabia que nunca mais seriam lidas, por falta de tempo ou de oportunidade.

É difícil de compensar o que não se fez, o que não se aprendeu no tempo da adolescência e da juventude. Porque depois vem a urgência do imediato. Recuperar isso depois, quando há tantas solicitações que se apresentam, não é possível.

Se não o fizesse nesse tempo da juventude, certamente nunca mais o faria. Empenhou-se em conhecer o melhor possível os primeiros séculos da era cristã. Por isso leu grandes obras da patrística, de história da Igreja, as obras de Santo Agostinho e Santo Tomás, a doutrina da Trindade dos Santos Padres e outras obras. Sabia que isso lhe daria um grande fundamento para posteriormente discutir as questões eclesiais.

Entre os seus professores havia alguns muito bons, personalidades que marcaram o jovem José. Um deles foi Gustave Thils, um jovem sacerdote, professor do Seminário e da Faculdade de Teologia. Publicava escritos sobre a teologia das realidades terrestres e com isso abriu os olhos do jovem estudante José Comblin para o mundo, despertando-o para a vertente social da teologia. Inclusive, colocou em suas mãos as obras de Teilhard de Chardin, proibidas naquele tempo. Com o professor de história da Igreja, Roger Aubert, José começou a ter uma visão crítica da história desafiando a tradicional visão dogmática.

Desta maneira constituiu uma base para os estudos teológicos superiores. Um ano antes da ordenação sacerdotal, seus superiores decidiram que deveria prosseguir os estudos até o doutorado. Olhavam para aqueles que poderiam ser professores no futuro e escolhiam dois ou três. Assim, após três anos em Malinas, José Comblin foi enviado para a faculdade de Teologia em Lovaina, onde fez o doutorado durante quatro anos, de 1946 a 1950.

A Faculdade de Teologia correspondia ao Seminário Universitário, para onde eram enviados os mais capazes. O período dos estudos em Lovaina foi marcado sobretudo por um ambiente de liberdade: todos eram estudantes de diferentes cursos universitários, com horários distintos. Aí não havia controle nem vigilância, cada qual fazia seu programa, organizava a sua vida e saía livremente para as suas atividades. Os alunos tinham liberdade e estavam bem conscientes de que aquele era um ambiente bem diferente daquilo que se vivia normalmente em qualquer seminário maior.

Na faculdade de teologia de Lovaina eram cerca de 40 alunos, mas quase todos apaixonados pelo estudo, embriagados de ideias e palavras. Todos tinham dotes intelectuais e se dedicavam plenamente aos estudos: a dedicação e o interesse de cada um estimulavam os outros. Cada um buscava alcançar o melhor resultado

Páginas 38-48 indisponíveis na versão digital

Brasil: porta da entrada para a América Latina

A Missão não se pode planejar. É a única coisa que não se pode planejar. Numa paróquia tudo se planeja: a catequese, a liturgia, as pastorais... mas a ação missionária não se pode planejar. É o Espírito que conduz, passo a passo.

Assim falava o padre José Comblin, aos 85 anos de idade, em um retiro para jovens que se preparavam para a vida missionária, em Esperantina, Piauí. Sabedoria adquirida ao longo de seus 50 anos de vida missionária pelos caminhos da América. Atento ao Espírito, ele mesmo buscou e forjou caminhos.

Na Bélgica, a sua decisão surpreendeu a muitos. Sobretudo um de seus professores no curso de teologia em Lovaina, o padre Coppens, de Antigo Testamento, comentou certa vez com um de seus alunos, Gustavo Gutiérrez, que ficara penalizado com a decisão do jovem padre José Comblin: *“Ele, um rapaz tão inteligente, foi para a América Latina...”*.

Ir para a América Latina era ir para o fim do mundo, lugar sem perspectivas nem desenvolvimento. Lugar atrasado para quem prometida ser um brilhante intelectual. Também em Campinas, muitos não entendiam como pessoas tão inteligentes deixavam a Europa para vir para o Brasil. Afinal, o Primeiro Mundo era o sonho impossível de toda a classe intelectual e mesmo clerical. Certa vez, um cônego do clero de Campinas perguntou bem confidencialmente ao padre José Comblin: *“Qual foi o pecado que o senhor cometeu no seu país para ter que vir para o Brasil?”* Comblin respondeu que veio voluntariamente, atraído pela missão, mas, visivelmente, o cônego não acreditou e respeitou o silêncio do jovem padre José Comblin...

As primeiras impressões

A viagem para o Brasil foi longa. Uma primeira escala em Lisboa. Doze horas depois, o primeiro contato com o continente americano e a nação brasileira: Recife, Pernambuco. Naquele tempo, os passageiros podiam desembarcar nas esca-

Páginas 50-58 indisponíveis na versão digital

A América espanhola: Santiago de Chile

Em 1960, o padre José Comblin esteve no Chile pela primeira vez, a convite do padre McGrath, para participar de um congresso organizado pela Escola de Teologia Presbiteriana em Santiago, capital do Chile. Conheceram-se no ano anterior em São Paulo, num congresso de teologia. McGrath era o decano da Faculdade de Teologia e considerava a Faculdade Católica de Teologia de Santiago muito tradicional e escolástica. Queria constituir uma nova geração de professores para renovar o estudo da teologia e alargar os horizontes dos estudantes. Encontrou nesse congresso dois padres que lhe chamaram a atenção: Florence (Florêncio) Hoffmann e José Comblin, e convidou-os a integrar o corpo docente da Faculdade Católica de Teologia. Ambos aceitaram o convite.

No início, o Colégio Pró-América Latina não estava bem de acordo que José Comblin saísse de São Paulo. Achavam que lá ele poderia exercer mais influência e fazer valer suas capacidades intelectuais. Mas diante da insistência do reitor, o padre McGrath, o conselho acabou concordando.

Em março de 1962, o padre Comblin chegou ao Chile, mas, justamente então, o decano padre McGrath foi nomeado bispo em Santiago de Veraguas, no Panamá. Seu substituto, padre Carlos Oviedo, era um canonista, da Ordem dos Mercedários e não tinha nenhuma ideia da teologia contemporânea. *O que fazer? O jeito foi ficar, pois já havia assinado um contrato de três anos* – concluiu, na sua habitual serenidade para acolher as surpresas da vida.

Seminário de Santiago

Inicialmente foi morar na residência de professores estrangeiros da Universidade Católica. Nessa residência, eram poucos, e ele ficava muito isolado. Assim alegrou-se quando foi convidado, seis meses mais tarde, pelo reitor, Pe. Carlos González, a residir no seminário pontifício de Apoquindo, no bairro de Las Condes, aos pés da cordilheira dos Andes. Ali residiam os professores e os estudantes

Páginas 60-70 indisponíveis na versão digital

Comblin e a Teologia da Libertação

A teologia da libertação, juntamente com a teologia feminina, foi o acontecimento teológico mais importante desde o século XIV, afirmava José Comblin. Suas memórias das origens desse movimento teológico são fartas, uma vez que acompanhou o processo desde o início. Ele sempre foi pertinaz defensor de uma teologia e de uma Igreja genuinamente latino-americana.

Quando chegou na América Latina, Comblin já se preocupava em elaborar uma teologia que levasse em conta as bases sociais e a realidade. Comblin considerava a atenção às realidades terrestres como uma preparação a uma teologia da revolução. Fora despertado por seu professor Gustave Thils²⁶. Sempre procurou conhecer a situação e a vida dos povos onde chegava. Mas foi em Campinas que começou a tomar contato com o mundo operário através dos jovens da JOC e com eles fazer uma releitura da sociedade. Também o contato com os dominicanos em São Paulo, onde lecionava semanalmente, foi decisivo na formulação de sua visão de mundo e da organização social. Ainda em Campinas escreveu um artigo que circulou de modo restrito, não publicado, mas que despertou o interesse de teólogos de outros países que tinham a mesma preocupação, como Ivan Illich e Segundo Galilea.

Ao sair do Brasil em 1962, o nacionalismo estava no auge. O nacionalismo, mais do que o marxismo, significava a independência dos Estados Unidos e era visto como o grande inimigo. A ideologia nacionalista no Brasil tinha raízes em Getúlio Vargas e se fortaleceu com Juscelino Kubitschek e o ISEB. Comblin escreveu um artigo sobre o nacionalismo²⁷ e vinha acumulando documentação sobre o tema. Quando chegou ao Chile, com toda essa bagagem, ficou impressionado com o pequeno mundo fechado dos teólogos e entendeu por que o decano McGrath queria fazer uma renovação na Faculdade de Teologia. Logo escreveu e pu-

26 Gustave Thils lecionou em Lovaina, e entre suas publicações está *Théologie des réalités terrestres*. Paris: Desclée de Brouwer, 1946-1949, 2 vols.

27 Catolicismo y Nacionalismo. In: *Anales de la Facultad de Teología*, 12. Santiago de Chile, 1960, 73-83. E também: El sentido cristiano de la nación. In: *Anales de la Facultad de Teología*, 13. Santiago de Chile, 1961, 52-87.

Páginas 71- 80 indisponíveis na versão digital

Retornos ao Brasil: em tempos da ditadura

Numa das férias do Seminário em Santiago de Chile, padre José Comblin veio ao Brasil e, junto com seus companheiros belgas, fez a sua primeira viagem pelo Nordeste do Brasil. Foi em janeiro de 1964. Em Fortaleza, eles conheceram o padre Hélio com a sua experiência de grupos de base em Pirambu. Em Recife conheceram o Seminário de Camaragibe, ainda em construção, e a sua famosa equipe: padre Marcelo Carvalheira (reitor), Zeferino, Zildo Rocha, Chico Pereira, Luiz Carlos, frei Hugo Fragoso, Juarez e outros. José Comblin foi convidado pelo padre Marcelo Carvalheira³⁷ para integrar a nova equipe que dirigiria o Seminário Regional do Nordeste. Tratava-se de um seminário para todo o Nordeste, e queriam constituir a melhor equipe possível. Quando dom Helder chegou a Recife em abril de 1964, renovou o convite de padre Marcelo. Em julho, padre Comblin esteve mais uma vez no Nordeste e conheceu dom Helder Camara pessoalmente. Ficou profundamente marcado por aquele homem pequenino, humilde, mas de nordestina exuberância.

Decidiu então que voltaria para o Brasil assim que o seu contrato com a Faculdade de Teologia de Santiago terminasse. Não via muito futuro em permanecer naquele quadro de um seminário tradicional que não buscava uma renovação teológica. Ele sonhava já com uma Igreja mais presente, humana e portadora do evangelho de Jesus, mais do que dos dogmas e preceitos elaborados ao longo dos séculos. Por outro lado, conhecia cada vez mais o Brasil. Acompanhava a vida da Igreja e de seus pastores com uma sensibilidade especial ao novo que surgia. A CNBB sem dúvida era algo muito promissor. Seus bispos fundadores logo lhe chamaram a atenção, por isso já conhecia bem a trajetória de dom Helder. Não teve dúvidas de que o seu lugar deveria ser na Igreja de Olinda e Recife. *“Aqui, junto a dom Hélder, se fazia história!”*

37 Posteriormente nomeado bispo auxiliar de João Pessoa, mais tarde bispo da nova diocese de Guarabira, depois arcebispo da Paraíba e vice-presidente da CNBB.

Apresentou a proposta aos seus superiores, e em diálogo com o Colégio Pró-América Latina e o seu cardeal na Bélgica, conseguiu obter o consenso para vir a Olinda e Recife. Em Lovaina, no Colégio Pró-América Latina, havia quem pensasse que Recife não era o lugar adequado para um teólogo brilhante como Comblin: pensavam que ele deveria permanecer no eixo Rio – São Paulo, as metrópoles brasileiras que permitiriam uma maior projeção³⁸. Embora o seu diretor expressasse isso, por outro lado, a sua grande estima e confiança no padre Comblin o fazia assumir e apoiar a sua escolha, inclusive as suas orientações teológicas que já eram pronunciadas.

Nesse tempo já era o cardeal Suenens, seu amigo desde quando era bispo auxiliar de Malinas – Bruxelas. Ele conhecia muito bem as capacidades de padre José Comblin e por isso também imaginava que deveria estar situado nos centros intelectuais do país, como São Paulo ou Rio de Janeiro. Por isso, no início, resistiu à ideia do padre José Comblin. Mas ao saber que o arcebispo era dom Helder Camara, de quem se fizera grande amigo durante o Concílio Vaticano II, imediatamente concordou. O padre José Comblin não teve a menor dúvida. A estrela de Belém brilhava sobre Recife, e ele veio decidido e feliz! Ali começaria uma história que o marcaria profundamente e para sempre. Padre José intuía que no Nordeste brasileiro haveria de trilhar novos caminhos eclesiais. Mas não podia imaginar quão longe tal caminho o levaria.

Havia outros sacerdotes belgas no Nordeste, e em 1968 o cardeal Suenens visitou dom Helder Camara e os padres belgas em Recife. Então não teve a menor dúvida de que o padre Comblin havia escolhido a melhor parte.

Nordeste – conhecendo outro Brasil

Padre José Comblin saía do Brasil em 1962. Dois anos depois ocorreu o golpe militar. Nas suas viagens de férias, não podia experimentar as consequências práticas. Afinal, era um turista estrangeiro, e o país necessitava deles. Mas quando chegou de mala e cuia, pouco a pouco foi experimentando outro Brasil.

Dom Helder Camara havia tomado posse na Arquidiocese de Olinda e Recife poucos dias depois do golpe militar, no dia 12 de abril de 1964. Como praticamente todo o episcopado brasileiro, teve inicialmente uma atitude de simpatia com aquilo que parecia ser uma *revolução sem sangue*. Mas rapidamente foi descobrindo a dura e cruel realidade daquilo que na verdade foi um golpe militar, início de uma dolorosa e sofrida ditadura para o povo brasileiro. Homem de espírito totalmente livre, foi tomando a defesa dos perseguidos, foi denunciando as arbitra-

38 Cf. carta de Adolphe van der Perre, presidente do Colégio Pró-América Latina, Lovaina, 4 de junho de 1965.

riedades, tornou-se uma voz firme que clamava contra os abusos e as perseguições que se multiplicavam. E ele mesmo passou a ser perseguido e controlado, claro, de forma discreta, porém incisiva, pois gozava de projeção nacional e não convinha provocar escândalos que poderiam ter projeção internacional.

Tentaram desmoralizar dom Helder com publicações de montagens e farsas, tentando atingi-lo moralmente. Isso, porém, aumentava a sua projeção e provocava um sentimento de solidariedade àquele que muitos já experimentavam como autêntico Pastor: humilde, solidário, misericordioso, pai dos pobres, defensor dos indefesos, voz dos silenciados. A tática do regime então mudou: dom Helder foi proibido de apresentar-se nos meios de comunicação social que não podiam divulgar absolutamente nada a seu respeito, nem sequer citar seu nome. Deveria ser apagado do cenário nacional. Dom Helder, liberado dos inúmeros compromissos e entrevistas que tinha nos meios de comunicação, teve mais tempo para atender a convites internacionais. Aproveitou os auditórios que outros países lhe ofereciam, especialmente na França, para denunciar e relatar o que verdadeiramente se passava no Brasil. A cada ano passava dois meses na Europa, atendendo a inúmeros convites, além, é claro, de passar por Roma. Era tudo o que o regime não queria, mas o processo era irreversível, e dom Helder adquiria projeção internacional e se tornava cada vez mais intocável. Chegou a ser indicado para o Prêmio Nobel da Paz, mas o regime militar brasileiro com a cumplicidade de setores ultraconservadores da Igreja conseguiu evitar a concessão de tal prêmio por três vezes.

Se por um lado o contexto sociopolítico era de extremo fechamento, o contexto eclesial vivia um momento de graça e efusão do Espírito Santo. O Concílio Vaticano II entrava na sua etapa final. Dom Helder, bispo conciliar, acompanhava cada seção do Concílio e nos intervalos retornava a sua arquidiocese de Olinda e Recife, transbordando o entusiasmo de uma Igreja verdadeiramente fiel ao Evangelho, pobre, servidora e presente. Dom Helder teve um papel extraordinário no Concílio, com as suas intuições evangélicas. Foi neste tempo que se fez grande amigo do cardeal Suenens, pois o cardeal tinha direito à palavra a qualquer momento, e os bispos tinham que se inscrever e esperar a sua vez – longas esperas algumas vezes. Assim, dom Helder passava ao Cardeal as suas inspirações que logo eram apresentadas. Liderou o Pacto das Catacumbas, um dos mais extraordinários documentos produzidos por um grupo de bispos. O Pacto das Catacumbas buscava explicitar o compromisso de pastores muito atentos à realidade e que se deixavam levar pelo sopro do Espírito que movia o Concílio. Foram 42 signatários que se comprometiam a ser presença entre os pobres, vivendo na simplicidade, na proximidade, no despojamento, manifestando a compaixão e a misericórdia do Pai aos desamparados da sociedade.

Páginas 84 - 108 indisponíveis na versão digital

O exílio no Chile: terra de tantas histórias e memórias

O Chile seria sua nova pátria por nove anos. Padre José Comblin chegou em agosto de 1972. Ainda recordava muito bem que, na capital Santiago, o cardeal Silva não desejava a sua presença, pois o Vaticano chamara a sua atenção por *abrigar hereges*. Ele falou então com dom Carlos González que havia conhecido na Bélgica, tornaram-se amigos nos tempos do Seminário em Santiago e que agora era bispo em Talca. Dom Carlos disse: *“Não se preocupe: provavelmente o cardeal Silva já se esqueceu disso”*. E o convidou a vir para Talca. Oferecia-lhe uma cátedra no curso de Teologia – o trabalho formal era condição para conseguir estada no país.

Nesse tempo, a Igreja vivia a efervescência do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín. Muitos abraçavam, outros temiam. Reinava certa confusão e insegurança. Como traduzir na prática? O que é ser Igreja no contexto do país? Grassava no clero chileno um espírito de rebeldia, e muitos sacerdotes deixaram o ministério. Houve também um famoso episódio da tomada da catedral em Santiago. Um grupo de católicos de esquerda queria que a Igreja apoiasse as reformas de Allende. Foi a primeira vez que se viu um ato de rebeldia de cristãos católicos. No Chile havia um grupo de bispos abertos, sensíveis aos apelos do Espírito, desejosos de levar a Igreja a responder e assumir um novo rosto. Como ser bispo no tempo presente? *“Na realidade necessito muito a ajuda dos amigos como você que podem dizer-me como devo ser Bispo nestes tempos. Se ser sacerdote não é fácil hoje em dia, ser Bispo é algo um pouco mais complicado.”*⁸⁴

Nos catorze anos vividos no Brasil e na América Latina, padre José já se tornara uma brilhante referência como teólogo que buscava situar a revelação divina no contexto de uma América ferida, procurando traduzir o Evangelho de Jesus como sinal de esperança para um povo empobrecido e explorado. A sua análise afiada da realidade social e das respostas eclesiais e pastorais abalava grande parte da Igreja encastelada na sua verdade. Seu olhar sempre ia mais longe, vislumbrava cenários futuros que muitos taxavam de pessimismo, mas que com o passar dos

84 Cf. carta de dom Carlos González a José Comblin, Talca, 7 de março de 1967.

anos se revelavam verdadeiros. Sua leitura perspicaz da realidade provocava os mais diversos setores eclesiais a olhar mais longe e ao mesmo tempo a voltar às mais límpidas fontes evangélicas. Suas provocações proféticas ultrapassaram fronteiras e se tornaram conhecidas, apreciadas, mas também combatidas nos mais diversos meios e níveis.

Precisamos de bons teólogos e homens avançados

Sabiam em Talca que ia chegar o teólogo José Comblin, um teólogo com *pensamentos originais*, conforme se comentava. Alguns já o conheciam de sua estada anterior no Seminário de Santiago. Quando se ouviu falar no Chile que dom Carlos González acolheria o padre José Comblin na diocese de Talca, inclusive oferecendo-lhe uma cadeira de docente no Instituto de Teologia que acabava de instalar-se na Universidade Católica da região do Maule, logo surgiu a voz de um bispo manifestando sua apreensão a dom Carlos. Dizia o bispo: “[...] *Comblin é certamente aquele que mais tem exercido na América Latina uma influência lamentável*”.⁸⁵ Naquele tempo, no interior da Igreja, havia receio, medo dos teólogos conflitivos. Mas dom Carlos foi firme: já havia consultado seu conselho de presbíteros que estava de acordo por unanimidade. E consultou ainda outros três bispos do episcopado chileno. E todos concordaram. Respondeu, então, uma longa carta em defesa de Comblin, onde afirma:

“Creio que ele tem dois grandes valores: em primeiro lugar é um homem de Igreja. Convivi durante vários anos com ele no Seminário de Santiago e sempre vi nele um homem de Igreja. Seus escritos não contêm nada contrário à doutrina da Igreja e me parece que nunca receberam objeção. Além de ser um homem de Igreja creio que é um verdadeiro teólogo. É criativo, capaz de aplicar a teologia eclesial aos problemas de hoje. [...] Temo muito a dois tipos de teólogos, mais do que a Comblin.

Ao teólogo que não sabe e nos dá péssimas respostas, ao pseudo-teólogo que está percorrendo o continente e que fala sem saber teologicamente o que fala. Em todo o movimento de opiniões que sofremos tanto você como eu, há todo um grupo de eclesiásticos que, em nome de uma teologia de má qualidade, estão causando uma grave ferida à Igreja. Os enfoques superficiais sobre a análise marxista, o falar de uma teologia da libertação em termos ambíguos e vagos, etc., causam um dano imenso à vida cristã.

E o outro teólogo ao qual temo, é o teólogo que talvez se sinta muito seguro e

85 Carta de dom Emilio Tagle, arcebispo de Valparaíso, a dom Carlos González, bispo de Talca, Chile, 26 de julho de 1972: “[...] *Comblin es ciertamente el que más ha ejercido en América Latina una influencia lamentable*”.

*que pensa que nunca irá cometer erros; porém, que nunca vai criar nada interessante e que seguirá repetindo esquemas para serem aplicados em situações novas. Penso em tantos professores de teologia que você e eu conhecemos nos Seminários, na Faculdade de Teologia e que não estão sendo nenhuma luz, nenhum caminho para a época que vivemos. Temo que a teologia, ao menos essa que eu recebi, não tenha sido uma real contribuição à vida ministerial. E deste segundo tipo de teólogos também temos em abundância e as consequências são palpáveis... Penso que não devemos temer uma boa teologia, um bom teólogo. Existem homens avançados e é necessário que existam.*⁸⁶

A abertura e firmeza de dom Carlos González e sua visão pastoral fizeram dele um dos pilares fortes e respeitados da Igreja chilena até a sua morte, ocorrida em agosto de 2009. Sua acolhida, seu apoio, sua humanidade foram determinantes para quem chegava exilado, com sonhos, projetos e trabalhos interrompidos bruscamente. Padre José Comblin foi designado professor de Teologia e Especialização Pastoral do Instituto de Teologia da Universidade Católica da região do Maule, Chile. Ser acolhido por dom Carlos ajudou o padre José Comblin a encontrar novo chão para sua imensa capacidade de contribuir e construir o povo de Deus. Quando o bispo lhe pedia um texto para iluminar o agir da Igreja naqueles tempos obscuros da ditadura, ele deixava tudo de lado e em dois dias o subsídio estava pronto.

Sua chegada a Talca foi um tempo de reorganizar a vida e de situar-se em novo espaço. Para quem estava mergulhado em projetos pastorais, atividades de formação, cheio de esperanças e sonhos, sem dúvida, o corte foi brusco. Talca era um lugar frio, tão distante de Recife, do caloroso Nordeste, o que tornou as saudades intensas, mas logo encontrou muitas formas de encurtar as distâncias. As cartas iam e vinham com grande assiduidade. Sempre surgia a oportunidade de algum portador, pois os correios oficiais no Brasil eram fiscalizados. Assim ele mesmo o expressava:

*Não vou prolongar esta carta, porque acabo de saber que uma pessoa amiga vai viajar para o Recife e vou aproveitar a oportunidade para mandar muitas cartas... Quanto a mim, estou naturalmente muito sacudido. Apesar de saber teoricamente que a expulsão poderia ocorrer a qualquer momento, o fato não deixa de ser duro. É muita coisa que a gente deve abandonar de vez, muitas pessoas muito caras. Procurarei viver o que eu mesmo ensino... Abraço, José.*⁸⁷

Em Talca residiu na casa de formação sacerdotal, conhecida como Cafosa. Já não havia seminaristas residentes, e conviveu com outros sacerdotes em verda

86 Carta de dom Carlos González a dom Emilio Tagle, Chile, 1º de agosto de 1972.

87 Carta a João Batista, Talca, Chile, 6 de agosto de 1973.

Páginas 112 - 130 indisponíveis na versão digital

Equador

- importante capítulo na sua vida

Quantas memórias significativas do Equador na vida de padre José Comblin! Foi lá que ele teve contato com o mundo dos povos indígenas da América, conheceu mais um dos bispos que considerou mais tarde um dos santos padres da América, dom Leónidas Proaño, a quem ele admirava profundamente: *homem de vida tão sacrificada, tão simples*, como comentava! Significou também um porto importante no tempo do exílio. Durante vinte anos, ele esteve regularmente no Equador, duas até três vezes por ano, sempre passando pela diocese de Riobamba. No Equador colaborou com o IPLA (na cidade de Quito, capital do país) e com a formação pastoral na Diocese de Riobamba, província de Chimborazo. O Equador é um país dividido em províncias (que equivale aos Estados brasileiros), e cada um leva o nome de seu vulcão. Riobamba é a capital da Província de Chimborazo.

O Instituto Pastoral Latinoamericano (IPLA)

No final da década de 1960, a Assembleia Plenária do CELAM, acolhendo a iniciativa de Mons. Manuel Larraín, determinou a criação do Instituto Pastoral para a América Latina. Durante seis anos, o IPLA funcionou de modo itinerante em diversos países da América Latina. Em 1966, após o Concílio, o presidente do CELAM, ainda dom Manuel Larraín, manifestou a conveniência de que o IPLA entrasse numa segunda fase, proporcionando uma formação mais aprofundada e completa para lideranças nacionais e diocesanas da ação pastoral.

Dom Leónidas Proaño, bispo de Riobamba, Equador, e então presidente do Departamento Pastoral do CELAM, reuniu um grupo de pessoas, e prepararam um projeto para a nova fase do IPLA. Em 1968, o Instituto abriu suas portas em Quito, para seu primeiro curso. O primeiro diretor foi o padre Rafael Espin, até fevereiro de 1971, quando faleceu num trágico acidente de carro, lembrado com um dos que mais impulsionou a renovação da Igreja equatoriana. O padre José Comblin foi convidado por dom Leónidas Proaño a fazer parte do corpo docente e colaborou com esse projeto até o seu fechamento. Sua primeira assessoria foi em agosto

de 1968. Depois, pelos menos duas vezes por anos estava no IPLA dando seus cursos: Teologia das Realidades Terrenas, Teologia do Desenvolvimento, Catequese Latino-Americana, Teologia da Revolução, Teologia do Mundo. Algumas vezes, o IPLA realizava um seminário de estudos internos apenas para a sua equipe de assessores e coordenação como, por exemplo, em 1971, com o tema *A Comunidade de Base na pastoral do futuro na América Latina*.

Sacerdotes, religiosos e leigos de todos os países se reuniam no IPLA para cursos intensivos com cinco meses de duração. Traziam a riqueza de suas experiências pastorais e também as preocupações que a situação eclesial e política do continente suscitavam neles. O curso se transformava num verdadeiro laboratório, onde alunos e professores analisavam os problemas à luz da fé, tendo como referência o Concílio Vaticano II e a conferência de Medellín. Na fase itinerante, sob a coordenação do teólogo, o padre Segundo Galilea, foram realizados 17 cursos com 8 semanas de duração em diversas cidades latino-americanas. Na outra fase, sediado em Quito, Equador, com duração de quatro meses, foram realizados 9 cursos.

Na linha da teologia da libertação, o IPLA foi um marco na Igreja da América Latina e do Equador. Teve muita repercussão, muita surpresa e indignação de pessoas que jamais ouviram falar dessa forma. Outros, depois desses meses passados numa comunidade com pessoas de diversos países, partilhando suas experiências e suas aspirações, se transformaram e se converteram. Entre seus alunos, alguns se tornaram personalidades eminentes e viveram profeticamente a sua missão. Um deles foi o padre jesuíta Rutilio Grande, de El Salvador, cujo martírio em 1977 repercutiu fortemente em dom Oscar Romero. Outro foi o padre Hector Gallegos, que atuava junto aos camponeses no Panamá; um dia desapareceu e nunca mais foi encontrado. Presume-se que tenha sido jogado no mar. E tantos outros que abraçaram o Povo de Deus nos diversos países.

Dos cursos no IPLA em Quito nasceram muitas amizades, espalhadas por toda a América. Nas suas viagens de assessoria a países da América Espanhola sempre encontrava pessoas que diziam: *"Fomos seus alunos no IPLA, naqueles bons tempos..."*. O IPLA funcionava no mesmo prédio em que funcionava a Conferência Episcopal, cuja secretária era uma jovem equatoriana que logo chamou atenção de José Comblin pelo seu dinamismo e eficiência: Mercedes Roman. Em 1972, ela teve que sair do Equador devido a situação política, e ela era muito militante. Comblin a convidou para ir a Talca.

Claro que após alguns anos começaram a surgir os temores da hierarquia e as pressões dos conservadores. Pressões que foram se tornando cada vez mais fortes, não somente em relação ao Instituto, mas em relação ao próprio CELAM e a toda a parcela da Igreja que se deixou conduzir pelo sopro do espírito conciliar e de Me-

dellín. Finalmente, em 1973, quando D. Alfonso López Trujillo assumiu o CELAM, o IPLA foi substituído por outro instituto em Medellín, Colômbia. Nos primeiros anos, o Departamento Pastoral do CELAM ainda pôde organizar cursos com a assessoria de José Comblin e o apoio de dom Alfonso López Trujillo.

Com dom Leónidas Proaño no mundo indígena

Dom Leónidas Proaño era bispo da diocese de Riobamba desde 1954. Riobamba fica a cerca de 200 km da capital do Equador, Quito. Além das aulas no IPLA, Monsenhor Proaño convidava seus professores a colaborar na pastoral de Riobamba. Assim, a partir de 1971, depois das aulas no Instituto Pastoral em Quito, Comblin passava algumas semanas em Riobamba. Criou laços estreitos com a diocese, tornando-se grande amigo e admirador de dom Leónidas. A realidade indígena e a experiência pastoral na diocese de Riobamba deixaram profundas marcas, mas, sem dúvida, foi a própria figura de Leónidas Proaño que mais impressionou ao padre José Comblin. (Cf. Fig. 13a)

Durante 30 anos, monsenhor Proaño foi bispo de uma região predominantemente indígena: 80% eram índios de vários grupos étnicos, mas todos falavam o quéchua, e naquela época as mulheres não sabiam falar castelhano. Eram miseráveis, esmagados, tratados como escravos, expulsos das terras, explorados e discriminados de todas as maneiras. A maioria vivendo nas partes mais altas das montanhas: quanto mais se subia, mais comunidades indígenas se encontravam, vivendo em pequenas parcelas de terras pouco férteis. Durante séculos, os indígenas foram sendo empurrado para as alturas devido à exploração dos espanhóis que os queriam escravizar nas suas fazendas. Os indígenas preferiram viver livres na miséria a ser escravos nas cidades e povoados.

Quando o bispo tomou posse na diocese, havia duas fazendas que eram propriedades da diocese. Ele resolveu visitar essas fazendas e descobriu a exploração e a tortura às quais eram submetidos os indígenas. Fatos terríveis que só se podia acreditar porque eles mesmos os relatavam. Tratados como animais, não tinham o direito de andar nas veredas nem nas ruas da cidade, nos ônibus deviam ceder o lugar para os mestiços. Na feira eram insultados, roubados, profundamente humilhados. Refugiavam-se na bebida e viviam caindo pelas ruas. As mulheres eram como animais de carga, levando nas costas todas as mercadorias. Jamais o padre José Comblin havia visto tanta humilhação sofrida por seres humanos. Ficou profundamente impressionado e comovido.

Dom Leónidas dedicou toda a sua vida à evangelização dessa população miserável, com infinita paciência. Afinal, quanto mais oprimido a pessoa humana, mais lento o seu processo de libertação e organização. Começou por despertar

Páginas 134 - 148 indisponíveis na versão digital

Construindo uma Igreja latino-americana

Outras memórias da América Latina

A experiência latino-americana de José Comblin coincide, como ele mesmo diz, com a *hora histórica da verdadeira fundação da Igreja latino-americana*. Ele pôde testemunhar os primeiros brotos, o começo e a consolidação de uma Igreja com rosto especificamente latino-americano. Pelos anos 59-60, o processo começava a tomar forma, com dom Helder e dom Manuel Larraín que fundaram o CELAM. Em toda a América Latina, a Igreja viveu um intenso despertar e mergulhar na realidade e na vida de seus povos. Esse movimento começa a mostrar seus primeiros sinais no final da década de 50. Podemos reconhecer algumas etapas nessa trajetória.

Numa primeira fase é o momento da releitura bíblica que mostra a preferência pelos *pobres*. O contato com o seu mundo, a miséria, a exploração no trabalho despertará muitas consciências, levando um grupo significativo a situar-se no mundo dos pobres, viver com eles, ser presença nesse mundo. A ação de muitos sacerdotes e religiosos consiste em viver entre os pobres, compartilhando a sua vida, a sua luta e os seus sofrimentos cotidianos: sinal da misericórdia, do amor, da esperança do Pai entre os desfavorecidos.

A partir dessa convivência e participação na vida e no trabalho cotidiano dos pobres surge a percepção de um povo que se organiza, que luta, que reage à exploração através de suas organizações: associações de bairro, de moradores, sindicatos, cooperativas. Há uma passagem da consciência de pobres para *empobrecidos* que lutam contra as forças de dominação que os empobrecem e os exploram. É uma fase de muita atividade dos setores da Igreja que se comprometem com os pobres e suas lutas de libertação.

A leitura dessa realidade a partir de dentro, da própria dinâmica da vida e luta do povo empobrecido e dominado leva a identificar as contradições sociais e a adotar as chaves de leitura evangélicas também utilizadas por Marx. É preciso ler a realidade a partir de suas contradições e sempre numa perspectiva histórica. O padre José Comblin não teve dificuldades, pois desde a sua formação teológica

estava presente o viés histórico e crítico. Setores da Igreja acolhem essa leitura, e a ação dos cristãos abraça as lutas das *classes exploradas*, do operariado nas cidades e do trabalhador rural no campo.

Sem dúvida, esse processo atinge numericamente uma minoria dentro da Igreja, desde a hierarquia, passando pela vida consagrada até os cristãos militantes. Mas é uma minoria que tem força de sal e fermento na massa. Justamente, o padre José Comblin desembarca no Brasil e na América quando esse processo começava. E ele mergulha de cheio e muito contribuindo para a evolução desse processo. Com o seu olhar clarividente, com a sua sagacidade, rapidamente vai formulando as análises da realidade, recolhendo experiências de libertação, propondo uma teologia que fundamenta a presença e a ação da Igreja junto aos povos latino-americanos nas suas lutas pela libertação.

Ele sabe que os bispos, pela sua função como pastores e líderes, têm um papel preponderante nessa marcha da Igreja. Na sua *bola de cristal*, ele percebe onde há possibilidade de avançar, onde há abertura para sugerir e propor, onde é preciso estimular e fortalecer. Ele consegue ter essa visão latino-americana. Ele estabelece contatos, estimula intercâmbios, promove contatos. É preciso reunir aqueles que comungam nessa vertente, pois ele sabe que o compromisso com os desfavorecidos, a solidariedade com os oprimidos são extremamente desafiadores, e somente unidos, eles poderiam construir uma identidade própria para a Igreja continental. Sem dúvida, o seu grande inspirador foi dom Helder que intuía outra Igreja e que era um extraordinário articulador. É por isso que padre José Comblin um dia afirmou: “*Sem ele, eu jamais seria o que sou!*”

Desde a sua chegada ao Brasil em 1958, padre José Comblin viajou muito por toda a América Latina. Nos primeiros anos, viajou com seus colegas sacerdotes nos tempos de férias, visitando missionários conterrâneos em diversos lugares: Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Bolívia, Peru. Viagens onde aproveitou muito – grande observador que ele é – para conhecer o povo latino-americano, sua cultura, seus costumes, sua psicologia, sua realidade social, econômica e política. A sua mobilidade pelos países latino-americanos permitiu-lhe contatos com as mais diversas experiências pastorais. Desde o México até o Chile pôde testemunhar as buscas e os ensaios daquilo que daria fundamento a uma teologia especificamente latino-americana.

Diversas Igrejas diocesanas buscavam sinceramente assumir as posições conciliares, entrar no espírito das conferências de Medellín (1968) e depois de Puebla (1979). Viviam em permanente processo de avaliação das suas experiências pastorais, buscando responder a partir do evangelho aos desafios da realidade local, apelos que emergiam do povo de Deus. Padre José era um dos assessores mais requisitados para ajudar nesse processo. A sua instigante leitura da realidade

e da inserção eclesial impulsionavam seus líderes e pastores a avançarem.

A sua perspicácia teológica rapidamente tornou-se conhecida e reconhecida. Desde os primeiros anos foi convidado para prestar assessoria a congressos, seminários, cursos, jornadas de formação para os mais diversos públicos, desde o clero, passando pelos religiosos e religiosas até seminaristas, lideranças cristãs, animadores populares, evangelizadores, ministros da palavra. Colaborou com os mais diversos e incontáveis grupos, oferecendo as suas reflexões e intuições a partir da Bíblia e do Evangelho de Jesus. Percorreu a maioria dos países sul e centro-americanos. No final da vida só lamentava não ter estado em Cuba. Recebeu um convite, mas não teve tempo de atender.

Encontros de bispos amigos

O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) nos seus quinze primeiros anos de existência contribuiu decisivamente para a emergência de uma Igreja com rosto latino-americano: ofereceu espaço de articulação e reflexão sobre as diversas experiências pastorais inspiradas no Concílio Vaticano II, articulou as conferências de Medellín e de Puebla, permitiu que a Igreja Povo de Deus tomasse corpo e rosto continental. Claro que essa autonomia sempre encontrou resistência de setores da hierarquia. Certamente a autenticidade evangélica incomodava, ameaçava privilégios milenares e o conforto da corte.

Logo surgiu um bispo conservador e reacionário, dom Alfonso López Trujillo, que foi bispo de Medellín, na Colômbia. Manobras intraeclesiais conseguiram conduzi-lo à presidência do CELAM, que em pouco tempo deixou de ser espaço e estímulo para aqueles que desejavam construir a Igreja dos nossos sonhos, uma Igreja mais humana e portadora do Evangelho de Jesus Cristo: uma Igreja comprometida com os pobres, assim como seu Mestre ensinara pela sua vida na Galileia. Então foi preciso criar outros espaços. O padre Comblin sempre foi o homem da articulação. Andando por distintos países da América Latina, conhecendo realidades de diversas dioceses, conhecendo bispos que sinceramente buscavam construir a Igreja Povo de Deus, fiel a Jesus Cristo, presente na realidade local e atento aos anseios de libertação de sua gente, sempre se preocupou em promover e estimular o intercâmbio entre as distintas experiências.

Dom Leónidas Proaño foi muito sensível a tal apelo e se empenhou na promoção dos encontros de bispos amigos. Em diversas oportunidades, ao encontrar seus colegas, falavam da conveniência de tais encontros para um intercâmbio fraterno de experiências pastorais após o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín. Assim, incentivado por bispos amigos, decidiu organizar o primeiro encontro na sua própria diocese, para que cada um tivesse a oportunidade de compartilhar a sua experiência pastoral, refletir sobre os desafios e vislumbrar os rumos eclesiais.

Páginas 152 - 170 indisponíveis na versão digital

Retorno ao Brasil

Expulso do Chile, padre José Comblin chegou a pensar em ir para o México. Havia estado lá diversas vezes e tinha contatos com a Universidade Ibero-Americana, onde poderia dar aulas. Entretanto, ocorria um relaxamento da ditadura no Brasil, e muitos estavam regressando do exílio. Laços fortes e perspectivas de missão na Igreja do Nordeste atraíram-no de volta.

Em Puebla, dom Paulo Evaristo, ao saber da situação de padre José Comblin, prometera-lhe empenhar-se com os melhores advogados para conseguir o seu retorno definitivo ao Brasil. A sua expulsão do Brasil ocorrera por um decreto supremo do presidente Médici, e somente o Supremo Tribunal Militar podia anular tal decreto. Os melhores advogados da Comissão Justiça e Paz empenharam-se na questão. Em agosto de 1980, por fim, conseguiram permissão para ele retornar provisoriamente. Foram oito anos de espera ansiosa: desejava ardentemente retornar a esta terra, particularmente ao Nordeste, onde havia deixado parte do seu ser e do seu coração. Foi uma notícia alvissareira, que o encheu de grande alegria. O Brasil enquanto contexto eclesial sempre foi muito significativo para a Igreja latino-americana que sempre teve seus olhos voltados para as iniciativas, os posicionamentos e as experiências pastorais e eclesiais que surgiam em nosso país. Por isso, a alegria do retorno de padre José Comblin foi compartilhada por todos os seus amigos do Chile, do Equador e de tantos lugares.

Dom Paulo compreendeu e acolheu o desejo de padre José de vir para o Nordeste, atendendo ao apelo do grupo de missionários da Teologia da Enxada. No entanto, faltava o visto permanente, e durante seis anos esteve como turista, saindo do país a cada três meses para renovar o seu visto. Isso não era problema, já que ele tinha uma extensa agenda de assessorias por toda a América Latina e também os seus cursos na universidade de Lovaina na Bélgica.

Estabeleceu morada desta vez na Paraíba, em Serra Redonda. E seguia uma vida de intensa movimentação. O acervo de correspondências, notas, textos de circulação restrita atestam o quanto o padre José se empenhou em impulsionar uma Igreja presente e testemunha do Evangelho. Exerceu sua influência onde sabia ter

acolhida, não pecava por omissão, se fazia presente nos momentos difíceis, sabia expressar as verdades incômodas de forma serena e incisiva. Estimulava o avanço das pessoas, assumindo cargos e tarefas estratégicas em organizações e reuniões. Impediu renúncias. Fortaleceu muita gente nas horas de indecisão e perplexidade. *“A carta do sr. muito valeu para a minha reflexão [...]. Muito grato pelo seu apoio fraternal, conto com suas orações e seus conselhos.”*¹¹⁹

Outro bispo lhe escreveu: *“Sua carta é de 8 de agosto. Ela merece uma resposta afetuosa. Foi a amizade, seu jeito de ser verdadeiro, seu compromisso com a Igreja de hoje e de amanhã que o moveram a escrevê-la. Deus lhe pague! Em janeiro de 80, subindo com Proaño as estradas do Chimborazo, comuniquei-lhe minha intenção de deixar a diocese aos 65 anos, continuando o ministério numa base paroquial. Ele respondeu: ‘Você não tem o direito de falar assim. Você está comprometido com o seu povo e são as necessidades concretas do seu povo que determinarão sua decisão!’ Vou meditar as razões que você apresenta. Já comuniquei a todos os bispos do meu Regional. Lutarei para conseguir assegurar a continuidade. Se for impossível, não deixarei abandonada a igreja que sirvo com entusiasmo. Reze por mim!”*¹²⁰

Pois sabemos muito bem que o protagonismo em todos os seus setores tem um preço caro: *solidário* e *solitário*. Padre José não perdia o momento de se fazer presente. A marcha precisava continuar, e muitas vezes ele fez o papel de Arão sustentando os braços de Moisés.

Finalmente, em 1988 conseguiu novamente o seu visto permanente. Graças a dom Paulo Evaristo Arns que abraçou a causa e através da assessoria jurídica da Arquidiocese de São Paulo, infundáveis tramitações foram realizadas até lograr a sua anistia e a concessão da residência permanente, em 16 de fevereiro de 1986. Não sem intervenção de seus santos e padrinhos e do seu anjo da guarda.

Ele havia sido avisado que, ao receber a notificação, não perdesse absolutamente o prazo para apresentar-se na Polícia Federal de João Pessoa e retirar a sua carteira permanente. Dirigiu-se ao departamento da PF para perguntar sobre a sua carteira, pois havia uma informação de que ela já havia sido expedida pelo Ministério da Justiça. Responderam que nada sabiam e que ele aguardasse a notificação em sua residência. Os dias passavam e nada. Foi então informado por amigos que o prazo seria 16 de fevereiro. Evitou viagens e saídas, buscou nos correios e nada. Procurou na PF, e eles disseram que não havia notificação. A irmã Dolores, Missionária de Jesus Crucificado, ao ver sua apreensão lembrou-se de um amigo na Polícia Federal. Já eram 16.00 horas, ela conseguiu localizar o amigo, e este verificou que o documento já estava no Departamento, mas a notificação não ha-

119 Carta de dom José Brandão de Castro, bispo de Própria, Roma, 28 de setembro de 1985.

120 Carta de dom Antônio Batista Fragoso, Crateús, 21 de agosto de 1981.

via sido encaminhada... O departamento fechava às 17.00 horas, mas esse amigo disse: *“Venha amanhã bem cedo que eu estarei de plantão e antes da abertura do expediente você assina o protocolo com a data da véspera”*. Assim foi feito, e ele recebeu a sua Carteira de Estrangeiro com Residência Permanente, que conservou até o final da vida. Notava-se na sua face o alívio e a imensa alegria. Definitivamente acolhido na sua pátria amada! (Cf. Fig. 17a)

Tempo de consolidar uma Igreja Povo de Deus

A primeira iniciativa de Comblin ao chegar ao Nordeste foi reunir as equipes da Teologia da Enxada e alguns colaboradores – religiosas, leigos e sacerdotes que atuavam na mesma linha. O encontro durou quase quatro semanas, numa casa na Ilha de Itamaracá, em Pernambuco. Uma convivência há muito esperada por todos e que foi muito frutuosa. Partilharam experiências, recolheram aprendizados, fizeram uma extensa leitura da conjuntura eclesial e social, discerniram apelos e buscaram respostas criativas e efetivas. A ideia era fazer um plano de apoio à pastoral que ajudasse a consolidar a chamada Igreja dos Pobres no Nordeste através do fortalecimento das comunidades eclesiais de base. Depois de muita reflexão e oração foi elaborado um plano com projetos específicos. O grupo dividiu entre si as atribuições segundo as inclinações, e um calendário foi estabelecido. Sob a coordenação de padre José Comblin, tudo fica sempre muito bem amarrado.

Um primeiro projeto se referia à retomada das santas missões populares. Durante o período pós-conciliar, sobretudo depois da crise do clero de 1967-1968, a prática das santas missões tinha sido quase abandonada. Porém, no mundo rural ainda havia grande receptividade. Um frade capuchinho, Frei Damião, italiano de origem, era nos inícios dos anos 80 a grande figura missionária que percorria o Nordeste e marcava toda a população rural. No entanto, ele não tinha nenhuma preocupação social, não estimulava as comunidades, estimulava a conversão pessoal com uma pregação muito moralista e práticas sacramentais e devocionais individuais. Era preciso retomar o sentido das santas missões populares, resgatar a figura do padre Antônio Maria Ibiapina, grande missionário que percorreu os sertões nordestinos no século XIX. Mais, era preciso insistir na dimensão comunitária da Fé. Só se chega ao Pai através do Outro, o que muitas vezes é esquecido na relação “Deus e eu”.

A ideia foi divulgada, ganhou corpo, e surgiram tanto missionários como missionárias interessadas em levar o projeto adiante. As Santas Missões Populares ressurgiram em muitos lugares do Nordeste e foram se espalhando, envolvendo comunidades e mais comunidades. Depois de alguns anos organizaram uma associação: a AMINE – Associação dos Missionários do Nordeste – que continua até o presente promovendo as missões populares. Sua grande preocupação não é apenas promover um reboiço na vida paroquial local, mas preparar o chão pre

Páginas 174 - 186 indisponíveis na versão digital

O semeador chega ao outono de sua vida

Antes de chegar aos 70 anos, padre José pensava que o fim da sua vida estava próximo. Em ocasiões diversas gostava de dizer:

Os velhos como eu gostariam de saber antes de morrer o que vai suceder, para não morrer assim, sem saber como continua a história.

Mas Nosso Senhor ainda o conservou muitos e muitos anos... E ele pôde acompanhar o desenvolvimento vertiginoso da história, inclusive a mudança de século e de milênio! Ele costumava dizer que não passava mais de dez anos vivendo num mesmo lugar. Assim tinha sido a vida dele desde que saíra de sua casa aos 17 anos de idade. No entanto, passou quinze anos no Centro de Formação Missionária em Serra Redonda. Em 1995, a Associação dos Missionários do Campo passou por uma reestruturação, a formação adotou novos caminhos. O monge João Batista foi para Alagoas onde fundou a Fraternidade Contemplativa do Discípulo Amado. Em Serra Redonda constituiu-se uma fraternidade de leigos e casais.

Também padre José buscou um novo porto. A idade avançada o fez sentir a necessidade de ter acesso mais rápido ao atendimento médico. Por isso, decidiu mudar-se para as proximidades de João Pessoa. Ao adquirir um terreno em Bayeux para construir a sede da Associação Árvore – Animadores Reunidos pelas Comunidades, reservou um pedaço na extremidade da propriedade onde construiu sua casa, com a sua biblioteca de cerca de 8 mil livros. Mudou-se para lá no dia 17 de novembro de 1995. E neste dia recebeu a primeira visita, dom José Maria Pires. Logo no primeiro mês em sua nova residência veio visitá-lo o padre Michel Schooyans, companheiro dos primeiros anos de Brasil. Aproveitando a presença do amigo, organizou um almoço de inauguração, convidando os amigos sacerdotes residentes na Grande João Pessoa.

No primeiro semestre de 1996 viveu com um casal de amigos belgas, Micheline e Christian Baguette. Este chegou a lecionar no Seminário Arquidiocesano. Mas adoeceu, e ambos voltaram para a Bélgica. A partir de julho passei a residir em sua casa e assumi todos os cuidados possíveis para que o padre José tivesse conforto e longa vida! Afinal, a sua grande descendência – tantos irmãos, admiradores, filhas e filhos de suas escolas – ainda precisariam durante muitos anos de suas sábias

Páginas 188 - 198 indisponíveis na versão digital

O Comblin que não conhecemos

Homem de um milhão de amigos

Muitas pessoas desejam ter um milhão de amigos, e padre José teve. Sempre foi de estabelecer amizades e de fazer a articulação entre as pessoas, criando uma verdadeira rede entre seus amigos e amigas. Gostava de colocar as pessoas em contato umas com as outras, ampliando fronteiras e horizontes. Sua fidelidade aos amigos e colegas dos primeiros tempos impressionava. Nunca perdeu o contato com os seus companheiros de chegada ao Brasil. Alimentou amizades que fez ainda na Bélgica, no Seminário, na Faculdade de Teologia, nas atividades pastorais que exerceu antes de partir. Às vezes, ele reencontrava pessoas cinquenta anos depois! Muitas dessas pessoas nunca perderam a pista do seu mestre ou professor, acompanhavam seus passos por notícias que apareciam, pela *internet*, por revistas onde encontravam artigos. E que alegria transbordavam ao encontrar o padre José Comblin, amigo, professor, mestre.

Ele tinha uma intuição em relação às pessoas, descobrindo nelas capacidades e potencialidades ocultas. Nos cursos e encontros era logo atraído pelas personalidades fortes que também o procuravam. O seu jeito simples e atencioso de ser, a sua humanidade, a sua fidelidade e profundidade cativavam muita gente. Isso para aqueles que conseguiam encontrar a pessoa de José Comblin. Muitos paravam no intelectual e no teólogo; não conseguiam ultrapassar a barreira das ideias que, por serem provocativas e desafiadoras, deixam muitos inseguros e até na defensiva. Mas o José humano, terno, próximo, capaz de compreender e acolher as mais desconcertantes realidade humanas e iluminar os recônditos da alma humana, cativou a muitos para sempre.

Marcante é o relacionamento que estabelecia com os pobres, pessoas simples e humildes do povo. Os projetos de formação que organizou dirigiam-se a pessoas do meio popular. E entre seus alunos sempre estabelecia relacionamentos fortes e duradouros. Com suavidade, ternura e firmeza, ele ia conduzindo essas pessoas nas trilhas de sua libertação pessoal, levando-as a confiar em si mesmas, reconhecer suas potencialidades, a alçar a vista e descortinar horizontes mais amplos!

Quantos e quantas de nós podemos dar este testemunho! Somos o que somos graças à sua presença discreta e segura em nossas vidas.

Homem afável e fiel nos relacionamentos, marcava definitivamente as pessoas. Poderíamos encher páginas e páginas com depoimentos e comentários. *“Devo dizer-lhe que um ponto alto, uma das grandes alegrias desta minha viagem foi o encontro com você. Além dos aspectos de lucidez e talento, você é o amigo de sempre, sumamente cordial, que nunca decepciona. Agradeço-lhe toda a cordialidade e atenção.”*¹²⁹

Particularmente atento às personalidades femininas que o marcaram fortemente e a quem ele também marcou. Teve grandes amigas – amigadas que duraram a vida toda. Todas elas o amavam muito, e ele, na sua liberdade, não temia os relacionamentos femininos. Ele dizia: *“Em relação às mulheres, o segredo é tratar cada uma como se fosse a única! Afinal, as mulheres são um tanto ciumentas entre elas...”*. Sabia lidar. E também sabia muito bem o rumo de sua vida; jamais pensou em constituir família: sua casa era o mundo, sua família era o milhão de amigos e amigas com quem comungava, seu povo era o povo dos pobres, sua descendência: todos/as aqueles/as a quem se dedicou nas mais diversas jornadas de formação. Sem dúvida, essa faceta da sua vida mereceria um título à parte e muito se poderia contar, comentar, testemunhar. Por enquanto deixemos essas memórias no coração das pessoas. (Cf. Fig. 28c)

Viajante incansável

Claro que todos conheceram o grande viajante que padre José Comblin foi, embora não usasse *botas de sete léguas*. Os seus pais raras vezes viajavam. Quando muito, iam à casa de praia distante quatro horas, naqueles idos tempos. Mas o filho mais velho compensou essa lacuna. Quando saiu da Bélgica para o Brasil em 1958, iniciou uma vida itinerante incansável. Desde que deixou sua terra natal e atravessou pela primeira vez o Oceano Atlântico, nunca mais parou. Toda a história até aqui reunida dá a dimensão de sua mobilidade através do mundo, particularmente através das Américas.

Bastaram poucos meses em Campinas, e logo ele estabeleceu contatos, recebeu convites para participar das mais diversas atividades e para dar assessorias, palestras, etc. Rapidamente a sua inteligência e capacidade despontaram, tornou-se conhecido e reconhecido por todo o continente. Sua agenda era intensa; ele sabia organizar sua agenda, fazer roteiros, combinar viagens. E muito cedo passou ele mesmo a articular encontros e reuniões. Era preciso colocar em contato pessoas que poderiam juntas mover a história! De modo particular, a história da Igreja na

129 Carta de Pe. Marcelo Carvalheira, Roma, 24 de novembro de 1976.

América Latina. E ele, como sabia fazer isso bem!

Ele não cumpria apenas uma agenda de assessorias e conferências. Chamava atenção o fato de que ele sempre que podia permanecia durante o tempo todo do congresso, seminário ou encontro. Apenas nos cursos ele se limitava aos dias das suas aulas. Ele gostava de estar na abertura e acompanhar as atividades para situar-se melhor, estabelecer laços com os participantes, perceber suas preocupações e interesses. Buscava sempre contextualizar as suas intervenções e o fazia pela presença e convivência. Depois da sua parte de assessoria, aproveitava um ou dois dias para conhecer o lugar, a cidade e a região. (Cf. Fig. 29a)

Ele sabia como ninguém fazer valer a viagem. Ir a um país sem conhecer algo da sua cultura, da sua paisagem, da sua história era impensável. Homem disciplinado de caráter sereno sabia sempre encontrar brechas na programação e então saía, discretamente. Quando não tinha companhia, ia só mesmo, pegava um transporte público, e essa era a melhor maneira de conhecer uma cidade. Quando podia, permanecia mais alguns dias após os compromissos para fazer alguma pequena excursão. Sabia melhor do que qualquer guia turístico orientar-se e encontrar os locais de interesse. Não necessitava fazer anotações. Seu cérebro, verdadeira enciclopédia ambulante, registrava tudo. Gostava de fotografar e colecionava cartões postais dos lugares por onde andava. Livros sobre os locais visitados e guias turísticos também faziam parte da sua biblioteca.

Gostava de ver o reboliço do povo nas feiras livres, nos mercados, nos restaurantes populares. Tinha especial predileção pelo artesanato dos países latino-americanos: encantava-se com as cores fortes, com os tecidos coloridos, com as talhas sugestivas. Geralmente, os presentes que dava eram peças de artesanato compradas com muito gosto e partilhadas com redobrado prazer. Em todas as moradias onde habitou logo as decorava com as peças de artesanato que ganhava ou trazia de suas viagens.

Padre José Comblin nunca dirigiu um carro próprio e tampouco teve carteira de motorista. Quando havia possibilidade, aceitava uma carona. Mas viajava de todas as maneiras: em transportes públicos, alternativos, carroceria de caminhonete, ônibus expressos e avião. Ele só não gostava de transporte fluvial. Praia, mar, rio, lagos nunca o atraíram muito, a não ser para contemplar longa e serenamente. Em Serra Redonda, o Centro de Formação distava a 2 km da cidade, estrada íngreme de terra, que virava lama na estação das chuvas. Ele não se importava: embrulhava os pés em sacolas plásticas e subia a ladeira, pegava uma vara como bastão e subia a serra, sob sol ou chuva. O único transporte para a capital – onde tomaria um avião – saía às 6.00 da manhã. O motorista era bem conhecido: *Seu Paciência*, pois com paciência parava em todas as partes – a região era de muitos pequenos sítios – para carregar todo tipo de bagagens: sacos de feijão, milho, mandioca e

Páginas 202 - 212 indisponíveis na versão digital

Os escritos e a teologia de José Comblin

“As suas intuições são tão surpreendentes, tão claras e evidentes que, muitas vezes, eu fico admirado e me pergunto: ‘Como é que a gente não percebia essas coisas?!’ Você, de certo modo, consegue tomar distância e, assim, nos ajuda a enxergar a situação do mundo, a realidade da Igreja e o rumo da história. Deste modo, conseguimos perceber de onde estamos vindo e para onde estamos indo. Muitas vezes, depois de uma leitura de algum artigo seu ou depois de ouvir uma palestra, eu cantava dentro de mim: ‘De repente, nossa vista clareou...!’”

Assim resume muito bem frei Carlos Mesters o efeito da obra de padre José Comblin.¹³² Também frei Hugo Fragoso faz uma observação que é uma verdadeira chave de leitura da vasta obra de José Comblin: *“Para se fazer uma leitura de Comblin, é preciso primeiramente se perguntar como Comblin faz a leitura da realidade. Sua leitura não é um simples exercício intelectual, mas uma ‘contemplação’ do agir do Espírito de Deus na história dos homens. Sem o pressuposto dessa ótica, não se pode compreender o que ele escreve.”*¹³³

Já tivemos oportunidade de percorrer a vida e vimos a sua formação, a sua dedicação, a sua inclinação desde cedo. Vimos que toda essa imensa bagagem cultural e histórica que possuía foi adquirida por meio de intenso esforço e muita disciplina. Nada se faz sem disciplina, e ele sempre foi extremamente disciplinado. Além de que seu lazer predileto sempre foi a leitura.

Formado numa teologia europeia, porém, de viés histórico e crítico, a teologia de José Comblin percorreu todo um itinerário. Segundo ele mesmo lembra em um de seus escritos, alguns acontecimentos influenciaram nesse processo.

Primeiro o movimento de emancipação das mulheres e a teologia feminista que obriga a reler todos os capítulos da teologia a partir de uma nova ótica. Em segundo lugar a explosão do pentecostalismo, protestante ou católico. Após séculos de predomínio da racionalidade nas Igrejas Cristãs, ocorre a irrupção da irracionalidade. Ao mesmo tempo uma nova explosão das anti-

132 Cf. MESTERS, Carlos. Carta a Comblin. In: *A esperança dos pobres vive*, 175-179.

133 Cf. FRAGOSO, Hugo. Comblin como eu o vejo: um místico a demolir mitos do poder. In: *ibidem*, 215-235.

Páginas 214 - 222 indisponíveis na versão digital

Um legado para a Igreja Povo de Deus

Na Igreja católica ouvi por diversas vezes padres que se indagavam: *“Por que ele continua na Igreja? Se não está de acordo, por que não sai?”* A trajetória de Comblin na Igreja católica, sempre procurando levar mais longe as consequências das opções evangélicas, relativizando as estruturas históricas e as certezas doutrinárias, apontando os limites das instituições, muitas vezes não foi bem compreendida. Católicos eminentes ficam confusos, e outros contestaram com veemência. Ele acolhia, mas *fazer o que?* As visões eram diferentes mesmo. E sabemos que a história se faz através das contradições.

Sua capacidade de diálogo com as ciências sociais e humanas e o seu espírito genuinamente ecumênico fizeram com que a sua pessoa e os seus escritos tivessem grande receptividade entre outras Igrejas cristãs, entre as quais têm muitos admiradores e, por que não dizer, seguidores. Nos últimos anos, foi convidado para palestras, seminários e fóruns teológicos das Igrejas evangélicas, entre elas a Primeira Igreja Batista de Bultrins, Olinda. Em 2006 proferiu uma palestra sobre *O Espírito Santo e sua Missão no Mundo* para a Fraternidade Teológica do Nordeste, das Igrejas evangélicas tradicionais. Na abertura da noite, a pastora Odja assim disse: *“Há vinte anos sonhávamos com essa noite... o seu nome há vinte anos foi sugerido para nos dar uma conferência na Fraternidade Teológica Latino-Americana... Mas o fato de ser um padre católico era um certo tabu... Hoje realizamos este sonho, e mais significativo ainda, é que realizamos isto aqui, no Nordeste.”*

Sem dúvida, essa sua capacidade de diálogo tem origem na sua formação interdisciplinar. Vale aqui, mais uma vez o testemunho do bispo anglicano dom Sebastião Armando Soares. O padre José Comblin o conheceu na equipe do CEN-DEHC, em Recife, nos idos anos 60. Foi uma das lideranças marcantes na Igreja de dom Helder, membro do CEBI. Depois tornou-se anglicano e hoje é bispo da Igreja Anglicana em Recife. Ele assim se recorda, em sua já citada *Carta de Aniversário*: *“Você não me parece aquilo que se poderia chamar de ‘militante do Ecumenismo’. Mas suas preocupações e seu método teológico, assim como sua atitude de espírito, são profundamente ecumênicos, a começar do jeito como*

Páginas 224 - 232 indisponíveis na versão digital

Descansa em paz, amigo, você cumpriu a sua jornada!

Se foi difícil sintetizar nessas páginas a riqueza de uma vida intensa e evangélica como a do padre José Comblin, mais difícil ainda é terminar. A gente gostaria de continuar recordando e falando sem fim. Tantas histórias, santas memórias que fazem viver e reviver! Mais: apontam um rumo, despertam do sonho e incitam a seguir o caminho, a avançar, a construir. Padre José revelou para muitos a face humana e misericordiosa do Pai, em Jesus. Mostrou o que é deixar conduzir-se pelo Espírito ao longo de toda uma vida!

Para terminar, nada melhor do que as palavras de um grande irmão e admirador de padre José Comblin: Assuero Gomes da Igreja Nova. Esse é um grupo de leigos católicos de Recife que, após a saída de dom Helder, se articulou para manter um espaço de liberdade e reflexão, fiéis à sua inspiração! Anualmente, durante 14 anos, promoveram Jornadas Teológicas em Recife, que foram muito concorridas. Para a primeira Jornada decidiram convidar Comblin e foram a sua casa na Paraíba. Recordam: *“A expectativa era grande! Íamos ao encontro de um dos maiores teólogos da América Latina e considerávamos uma ousadia de leigos, mesmo que acreditássemos na luta pela Igreja Libertadora. A acolhida foi ‘fraterníssima’, como diria dom Helder, e só depois descobrimos que era nos leigos que ele investia toda a esperança de sua teologia.”* Segue o belo poema póstumo com o qual o grupo homenageou José Comblin.

A noite é suave e o dia é claro, Comblin

A noite é suave, já podes desamarrar tuas sandálias e descansar teus pés andarilhos, peregrinos, pois a noite veio, Comblin. Suave e mansa a noite veio. Não amedrontou, nem assustou, ela veio serena ao teu encontro, como a brisa no Horeb, conversando contigo como a brisa de Elias.

Tuas sandálias estão cheias de pó. Das estradas do desterro, das estradas dos sertões, de Talca terra chilena, de Riobamba no Equador, dos nordestinos destinos empoeirados de caminhar, das vilas e acampamentos.

Já podes desamarrar teu cinto que te cingiu, liberar teus rins ao repouso, pois agora vais para onde não querias ir, pois, por ti, ficarias mais um pouco entre os romeiros peregrinos. Desata teu cinto, desata, pois nada te prende mais entre os

homens e as mulheres que não seja o Amor.

Encosta teu cajado junto aos teus livros. Já não precisarás dele, pois teus pés estão pisando nos verdes e seguros campos do Senhor. Enfrentaste com tua lucidez e tua palavra as fardas e baionetas armadas, agora já não há botas nem coturnos, nem arames farpados, nem grades nem opressão, pois o Vento campeia livre nos campos do Pastor.

A noite é suave, e belas são as estrelas. Mais belas ainda o são no céu do sertão desse imenso arraial chamado Brasil onde escolheste plantar teu coração. No chão de Ibiapina, de Conselheiro, de Cícero, de Austregésilo e de Helder, ah! Quanta sacralidade nesta terra ressequida, quanto adubo misterioso que a torna fértil sem se mostrar e faz brotar vida das pedras e vocações libertárias onde grasa o espinho do xiquexique e a cerca do egoísmo.

A noite é suave e doces são os vaga-lumes que trazem nas mãos dos romeiros a luz roubada das estrelas, para alumiar em pequenas candeias o caminho que vai sendo construído ao teu redor. Podes ainda ouvir os lamentos e os benditos dessas almas que agora choram tua partida, como órfãos de um pai? Podes ainda escutar-lhes as lágrimas, rutilantes, escorrendo pelos caminhos tortuosos da pele marcada pelo sol cáustico e pela dura labuta diária?

Já não tens mais sede de água, nem sede de saber, nem sede de amar, pois estás na Fonte das fontes. Não precisas mais aprender, apenas contemplar a plêiade de irmãos e irmãs que arrebanhaste, diretamente na face de cada um, transfiguradas e belas pela realidade da presença da face do Cristo.

A noite é suave, mas o dia é claro, Comblin. Dizem que os anjos podem escutar a alvorada. Talvez seja esta uma das poucas vantagens que têm sobre nós, mas os poetas e os cegos também o podem, talvez tu já soubesses disso, os teólogos podem ser como os poetas e os cegos que enxergam horizontes entre uma palavra e outra. O teólogo é um poeta de Deus.

A noite é suave, Comblin, mas o dia é claro. Deixaste a nossa noite para nos esperar no Dia. Como sempre, nos emprestando luz onde só enxergamos escuridão.

Agora, meu amigo e meu irmão, antes que nos sintamos órfãos, antes que nossa lágrima de saudade escorra para esta terra seca, antes que nossos pés ousem descansar, faça uma prece e acenda mais uma luz para nós, essa luz do Dia, pois embora a noite possa ser suave, o dia é claro e só podemos caminhar enquanto há luz.

OBRIGADA! Amigo inesquecível! Nós aprendemos tanto com o seu testemunho! Como você já disse de outros, nós queremos afirmar também: você é como Jesus que passou entre nós! (Cf. Fig. 32b)

Monica Maria Muggler
10 de novembro de 2012

Anexos

Livros de José Comblin

Elencados segundo seu idioma original, com eventuais traduções entre parêntesis.

O Espírito Santo – a contribuição de José Comblin à pneumatologia segundo ele mesmo

1. *O tempo da Ação. Ensaio sobre o Espírito e a história*. Petrópolis: Vozes, 1982, 389p (espanhol)
2. *A Força da Palavra*, Petrópolis: Vozes, 1986, 406p (italiano)
3. *Vocação para a Liberdade*. São Paulo: Paulus, 1999, 319p (espanhol)
4. *O Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002, 416p (inglês, italiano)
5. *A Vida: em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007, 182p
6. *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus* (Obra Póstuma). São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012, 478p

Teologia e realidades terrestres

7. *Théologie de la Paix, T.1: Principes*. Paris: Ed. Univ., 1960, 325p (italiano, alemão)
8. *Théologie de la Paix, T.2: Applications*. Paris: Ed. Univ., 1963, 199p (italiano)
9. *Teologia da ação*. São Paulo: Herder, 1967, 129p (espanhol, francês, italiano)
10. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulus, 1991, 301p (francês, italiano, espanhol)
11. *Teología de la revolución. Teoría*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1973, 379p (francês)
12. *Teología de la práctica revolucionaria*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1979, 408p (francês)
13. *A Ideologia da Segurança Nacional. O Poder Militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, 251p (francês, espanhol; inglês: *The Church and the National Security State*. Maryknoll: Orbis Books, 1979, 236p)

Teologia da Libertação

14. *Teologia da Libertação, Teologia neo-conservadora e Teologia liberal*. Petrópolis: Vozes, 1985, 135p (Teologia orgânica, 14)
15. *Antropologia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985, 272p (Teologia e Libertação, III,1) (espanhol, italiano, inglês, francês, alemão)
16. *O Espírito Santo e a Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1987, 231p (Teologia e Libertação, II,4) (espanhol, italiano, inglês, francês, alemão)
17. *Teologia da Reconciliação: Ideologia ou Reforço da Libertação?* Petrópolis: Vozes, 1987, 88p

Páginas 236 - 253 indisponíveis na versão digital

418. Jesus libertador numa visão da teologia pluralista. In: VIGIL, José María etc. (org.). *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, 121-148
419. Cristología en la teología pluralista de la liberación. In: ASETT (org.). *Por los muchos caminos de Dios III*. Quito: Abya Yala, 2007, 78-95
420. La crisis de la Religión en la Cristiandad. In: *RELAT 377*. Koinonia: publicação digital, 2007
421. Panorama da América Latina hoje. In: SOTER (org.). *Deus é Vida*. São Paulo: Paulinas, 2007, 7-16
422. Os Santos do Século XXI na América Latina. In: SOUZA, Luiz Alberto Gómez de (org.). *Relativismo e Transcendência*. Rio de Janeiro: Educam, 2008, 49-66
423. Sustentabilidade e Cidade. In: SOTER (org.). *Sustentabilidade da Vida e Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 2008, 89-102
424. Vida y mensaje. In: *Quedan los árboles que sembraste. Testimonios sobre Monseñor Leónidas Proaño* Quito: Fundación Pueblo Indio del Ecuador, 2008, 73-83
425. El testimonio de monseñor Proaño. In: *Quedan los árboles que sembraste. Testimonios sobre Monseñor Leónidas Proaño*. Quito: Fundación Pueblo Indio del Ecuador, 2008, 95-109
426. Dom Aloísio Lorscheider. In: *"Mantenhã as lâmpadas acesas"*. Fortaleza: Ed. Universidade Federal do Ceará, 69-73
427. Religião, Ciência e Saber. In: SOTER (org.). *Sociedade e Religião*. São Paulo: Paulinas, 2009
428. El significado teológico-pastoral de Puebla. In: *Construyendo puentes entre teologías y culturas – Memoria de un itinerario colectivo. Homenaje a Sergio Torres en sus 80 años de vida*. Santiago de Chile: Fundación Amerindia, 2009, 171-179
429. Cristianismo e direito. In: SOARES, Afonso M. L.; PASSOS, João Décio. *Teologia e Direito*. São Paulo: Paulinas, 2010, 165-174
430. Espiritualidad de la liberación y opción por los pobres. In: *Memoria del Encuentro Internacional "Herencia Profética de Monseñor Leónidas Proaño", Quito, 27-29 de agosto de 2008*. Quito: Fundación Pueblo Indio del Ecuador, 2010, 93-105
431. A virada da Teologia Cristã (contribuição para um livro em homenagem a Ivone Gebara que não se concretizou)
432. O pobre: critério para a profecia. In: OLIVEIRO, Pedro Ribeiro de (org.). *Opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011, 181-201
433. Dom José Maria Pires, Arcebispo da Paraíba. In: PASSOS, Mauro (org.). *Um profeta em Movimento*. Belo Horizonte: O Lutador, 2011, 195-201

Prefácios ou Posfácios

434. Prefácio. In: FEITOSA, Angelino Caio. *Ao Encontro de Você*. Recife: Ed.Univ. da UFPE 2001, 5-6
435. Prefácio. In: CAMARA, Dom Helder. *Correspondência Conciliar*. Recife: Ed. Univ. UFPE, xxi-xxxi (Obras Completas de Dom Helder Camara, 1,1)
436. Prefácio: Frei Roberto e o bicentenário de Padre Ibiapina. In: OLIVEIRA, Frei Roberto Eufrásio de. *Caminhando com Jesus nos Sertões Nordestinos*, 2005
437. A missão no início do século XXI. In: *ibidem*, 3-10
438. Posfácio. In: VIGIL, José María (org.). *Teologia do Pluralismo Religioso – para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006, 461-465
439. Prefácio. In: BARROS, Marcelo. *Dom Helder Camara. Profeta para os nossos dias*. Goiás: Rede da Paz, 2006, 7-12